



UMA HISTÓRIA DE GARIMPOS E GARIMPEIROS:

Tesouro e Batovi, Mato Grosso, Brasil

(Parte II – [Segue a Parte I](#))

jblucidio@hotmail.com

João António Botelho Lucídio¹
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

Depois de ter apresentado na primeira parte deste artigo a região leste de Mato Grosso e os sujeitos sociais que nela viveram na passagem do século XIX para o XX, apresentamos nas páginas seguintes o estudo de caso das comunidades de Tesouro e Batovi, assim como uma terceira e última parte intitulada 'A história do Tesouro e do Batovi se entrelaçam na crise'. Trata-se de um trabalho realizado a partir de entrevistas, pesquisa em arquivos y literatura histórica.

Palavras Chave

Garimpos - Garimpeiros - Mato Grosso - Sertão

¹ Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1990) e Doutor em História pela Universidade Nova de Lisboa (2013).



UNA HISTORIA DE GARIMPOS Y GARIMPEIROS:

Tesouro y Batovi, Mato Grosso, Brasil

(Parte II – [Viene de Parte I](#))

jblucidio@hotmail.com

João António Botelho Lucídio
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumen

Tras haber presentado en la primera parte de este artículo la región este de Mato Grosso y los sujetos sociales que en ella vivieron durante el paso del siglo XIX al XX, presentamos en las páginas siguientes el estudio de caso de las comunidades de Tesouro y Batovi, así como una tercera y última parte titulada 'La historia de Tesouro y Batovi se entrelazan en la crisis'. Se trata de un trabajo realizado a partir de entrevistas, investigación de archivo y literatura histórica.

Palabras Clave

Garimpos - Garimpeiros - Mato Grosso - Sertão

Estudo de caso: O Tesouro

Não se sabe precisar ao certo a data de fundação de Tesouro. Segundo Virgílio Correa Filho, as primeiras informações oficiais sobre a posição administrativa do povoado de Tesouro constam do ano de 1937. Naquela ocasião, o Tesouro aparecia como distrito de *"Santa Rita do Araguaia, cuja sede administrativa era Lageado, posteriormente, Guiratinga"*². Todavia, um mapa datado de 1925, que se encontra sob a guarda do Arquivo do Exército no Rio de Janeiro, sobre a 'Região Diamantífera do Rio Garças, Matto Grosso', informa sobre a existência do Tesouro e do Batovi. Nele, pode-se ler as seguintes legendas: *"Povoados, Núcleos, Fazendas de Criar, Monchões e Machinas Assentadas"*. Além de destacar bem o relevo e a hidrografia do vale do Garças, o mapa traz ainda as principais estradas que cortavam e ligavam as diferentes curutelas ali já surgidas.

Se atentarmos para as informações constantes na historiografia tradicional, veremos que esta registra que os descobridores dos diamantes (em 1909) arrancharam-se na confluência do rio das Garças com o Cassununga. Num local muito próximo existe ainda a ruína do chamado Tesouro Velho. Ao que tudo indica, antes de 1936, era ali que se localizava a curutela referenciada em relatórios, mapas e literatura como Tesouro. Vejamos o que nos diz D. Caçula:

*"Tesouro Velho é o garimpo, o primeiro garimpo, deu muito diamante, foi o primeiro local ocupado, que antecede a esse aqui. Meu pai contava que em 1925-1927, ele trabalhava em Tesouro Velho. Cada local desse aí tinha uma denominação Chamberlem, Tesouro Velho, Chapadinha, Criminoso, Escorrega e por aí vai, pessoal vai designando... Tesouro Velho é um lugar onde tem um poço muito fundo, foi lugar onde deu mais diamante nesse lugar. Tirava era bolo de diamante"*³.

Não há documentos escritos e a memória dos mais velhos remonta só até à década de 1930. O período que vai de 1909 a 1924 foi pouco estudado e aparece na historiografia como o das disputas pelo poder econômico e político na região do Garças. Naquele momento, a curutela mais importante era a do Cassununga. Em seu entorno gravitavam as demais, inclusive o Tesouro.

² Ver: Correa Filho, Virgílio, "Tesouro – MT", em Ferreira, Jurandir Pires (Org.), *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, IBGE, Rio de Janeiro, 1958, 304.

³ Depoimento de Sra. Anacleto Magalhães, Tesouro – MT, setembro de 2002.

Outras referências sobre o Tesouro aparecem nas narrativas sobre o episódio Morbeck versus Carvalhinho. Há indícios de que nessa currutela, em 1925, o líder político Carvalhinho tenha mandado recrutar parte dos homens que participaram do embate no morro da Arnica.

Localizado próximo à boca da entrada que o rio Cassununga faz no rio das Garças, o núcleo urbano que chamamos de Tesouro, tem seu ano de fundação esquecido ou negligenciado. Virgílio Correa Filho não precisa sua data fundação, mas relaciona seu existir como parte do movimento migratório ocorrido para a bacia do rio das Garças desde que se espalharam as notícias dos descobertos diamantíferos. Vejamos como a ela se refere o historiador acima referido.

“Descobertos os ‘monchões’, dos diamantes tornou-se intensa, a afluência de novos garimpeiros (...) A ‘currutela’ do Tesouro surgia logo após, com uma população sempre crescente, composta não só de garimpeiros, mas também de aventureiros que volveram suas atividades para a agricultura, instalando fazendas e nelas criando pequenas quantidades de gado bovino. No período de 1925-1932, o desenvolvimento das ‘currutelas’ de Tesouro e Cassununga sentiram os efeitos danosos da luta política travada entre Morbeck e Carvalho e, posteriormente, do aparecimento das forças revoltosas de Luiz Carlos Prestes e Siqueira Campos, efeitos aquele que se prolongaram até o ano de 1932, quando aquelas povoações, principalmente Tesouro, iniciaram uma nova fase de progresso que se manteve constante...”⁴.

Segundo o autor o esplendor, a riqueza e o fausto da currutela do Cassununga ofuscaram as demais. Da citação merece anotar ainda a data de 1932 como o momento em que a paz passou a reinar nos garimpos do Garças. Para Correa Filho, o fim dos conflitos armados em 1926, já narrados, não trouxe a tranquilidade imediata.

Em certa medida, a memória dos moradores mais antigos do Tesouro que conseguimos encontrar corroboram esta última assertiva. Seguindo a narrativa de D. Caçula, que chegou ao Tesouro por volta de 1936, quando acontecia a mudança da localização da currutela para o sítio atual, ela vivenciou seu último episódio de

⁴ Ferreira, Jurandir Pires (Org.), *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, 304.

violência naquele mesmo ano. A partir de então teria se processado não só a transferência da currutela, como também a paz na bacia do rio das Garças.

Em relação ao acomodamento das disputas políticas e econômicas de que foi palco a zona diamantífera do Garças, os dois informantes estão corretos. Talvez, os mesmos, não tenham percebido que tal momento reflete uma nova configuração política no Brasil, com a implantação da ditadura Vargas, como em Cuiabá e que se refletiu em todo o leste mato-grossense. Ou seja, a partir de então, e cada vez com mais firmeza e intensidade, o poder emanado do governo estadual passou a dominar de fato a região. Fosse através de um aparato judiciário e policial, fosse através de um tênue controle fiscal, com a instalação das Coletorias Estaduais.

O fato é que desde 1936, a nova currutela do Tesouro, a cada dia atraía mais e mais moradores. Até 1953, foi distrito de Guiratinga. Nesse espaço de tempo, as casas de pau a pique e cobertura de palha foram substituídas por casas de alvenaria. O comércio varejista de secos e molhados se firmou. Compradores de diamantes e garimpeiros também. As comunicações terrestres com Guiratinga foram melhoradas e com certa frequência tropas cargueiras, de muares e boiadeiras, bem como caminhões automotores chegavam até ali. Como ponto de passagem para as currutelas do Cassununga e do Batoví sempre esteve bem abastecida.

Ainda nos anos de 1940, abriu-se o campo de aviação e os grandes compradores de diamantes de Cuiabá e do Rio de Janeiro passaram a frequentar o Tesouro. Ao mesmo tempo sua população pôde usufruir um meio de transporte mais rápido. Alterações no status social e de consumo foram notadas. As memórias de alguns de seus moradores insistem em referenciar esse período como o de ouro de sua história.

Na época do Recenseamento Geral de 1950, o quase município de Tesouro, que era integrante do de Guiratinga, na categoria de distrito, possuía na vila uma população de 1.002 habitantes, dos quais 459 eram do sexo masculino e 543, feminino. As sedes distritais do Batoví e Cassununga, que passariam a integrar o município, possuíam a seguinte população: Batoví 688 habitantes, dos quais 358 eram homens e 330 mulheres; Cassununga com 332 moradores, sendo 168 do sexo masculino e 164 do feminino.

Em 1954, a Agência Municipal de Estatística publicou dados complementares sobre o recém-criado município de Tesouro. Assim, o município comportava ainda os seguintes aglomerados urbanos: Monchão Dourado, com 72 moradias e 230 habitantes; Pinhão, com 31 casas e 150 pessoas; Córrego D'anta, com 26 residências e 120 moradores; Biongo, com 12 prédios e 50 domiciliados; Merure, com 27 vivendas e 320 pessoas; Cachoeira Rica, com 6 moradas e 32 habitantes; e, finalmente, General Carneiro, com 85 prédios e 500 pessoas.

Portanto, uma vez criado, o município de Tesouro contava com uma população de 3.523 habitantes, sendo 1.967 pessoas do sexo masculino e 1.556 do feminino. Vale ressaltar que tudo leva a crer que tais informações censitárias não levaram em conta a população rural, não habitantes dos núcleos urbanos, que desenvolviam as atividades agrícolas e pastoris.

Segundo o mesmo documento, a pecuária, a agricultura e a indústria extrativa de produtos minerais (leia-se diamantes) eram as principais bases econômicas do município. Para o ano de 1956, seu rebanho bovino era estimado em 32.000 cabeças. Os muares em 1.300, os equinos em 2.300, os suínos em 3.700. Na agricultura realçava-se a produção de arroz, milho e feijão. Em menor escala aparecem a cana-de-açúcar (com seus derivados), a mandioca (fabrico da farinha e polvilho), a banana e a laranja. Todos esses produtos serviam para o consumo do próprio município.

Com relação a essas duas últimas atividades é preciso esclarecer que as mesmas eram desenvolvidas com baixo padrão de investimentos. No caso da pecuária, o gado era criado solto pelos campos. Isto significa que o seu manejo era bastante trabalhoso e pouco lucrativo. Os cuidados básicos eram a salga feita nos currais, de tempo em tempo, a ferração, a castração dos machos e a vigília das fêmeas por ocasião dos nascimentos (geralmente de maio a setembro). Com tal sistema de cria um boi demorava de três a quatro anos para estar pronto para o abate.

A pecuária foi de importância crucial e facilitou a vida nos garimpos. A carne tanto verde, como salgada era a base da alimentação dos garimpeiros. Todas as currutelas tinham no mínimo dois açougues. Como não se tinha acesso à energia elétrica, e, portanto, ao uso da refrigeração para a conservação das carnes, as mesmas eram mantidas através do sistema de salga. Os abates ocorriam sempre

aos sábados e domingos, que eram os únicos dias em que se comia carne verde ou fresca.

Como a região não consumia todo o gado que produzia era comum, ao menos uma vez por ano, a presença de boiadeiros que vinha comprar o rebanho excedente e os tocava em direção a Minas Gerais ou São Paulo. Deste modo, durante os meses da seca era comum encontrar por suas estradas boiadeiras, partidas de gado com centenas e milhares de cabeças tocadas por comitivas dos conhecidos boiadeiros. Além do gado exportado, tanto as grandes e tradicionais, quanto as fazendas mais modestas, criavam pequenos animais como porcos e galinhas, dos quais extraíam muitos subprodutos para o consumo e venda de carne, toucinho e a banha de porco, ovos, leite, manteiga, queijos, requeijões, doces, etc.

Quanto à agricultura, usava-se dos recursos técnicos disponíveis. O que significa dizer que a mesma era desenvolvida em áreas bastante restritas, às margens dos rios, nas matas galerias ou ciliares. Utilizava-se do machado e da foice para a derrubada das matas, do fogo e do sistema de coivara para a limpeza das árvores derrubadas. O plantio era feito nas cinzas. Normalmente o plantio era sincronizado e começava-se pelo milho, arroz até o feijão. Tal medida diminuía os cuidados, e não apertava o agricultor na época da colheita. Além desses produtos, plantavam-se verduras e legumes, como abóboras, maxixe, pepinos, melancias, melões, quiabo, etc., tanto para o consumo como para a comercialização.

No plano extrativo, a produção de diamantes era canalizada para a cidade de Guiratinga, ou exportada por compradores que as iam buscar diretamente no local, usando seus aviões particulares. O governo não possuía controle sobre o quantum e os valores ali comercializados em pedras preciosas. Apenas apresenta uma estimativa como sendo de dois milhões de cruzeiros o volume de pedras comercializadas no Tesouro.

Quanto ao comércio em geral, as informações são de que a vida comercial era intensa no distrito-sede, o centro abastecedor de todos os garimpos disseminados no interior. O maior intercâmbio tanto do comércio importador, quanto exportador era feito por intermédio das praças de Guiratinga, Uberlândia (MG) e São Paulo.

“(...) quando nós começamos negociar aqui, recebia era as tropa de animal carregados de cereais... a estrada era Guiratinga, Tesouro, Batovi,

Cassununga, Poxoreu, Cuiabá... a estrada vinha de Alto Garças, Guiratinga, Tesouro, Batovi, Cassununga, Poxoreu, Cuiabá. ... só trafegava tropas, boiada, carro de boi e algum caminhão fazendo estrada. Veio os caminhões fazer estrada, de Uberlândia pra cá, já cheguei de ver dez caminhões lotado de mercadoria... isso era na década de 40. Quando o transporte começou, tinha que passar por aqui, vinha de Uberlândia. Tesouro era um ponto de descanso pra eles. Todo caminhão que ia pra Cuiabá tinha que passar por aqui, mas nunca teve estrada, era estrada batida de foice. Tesouro além de ter um movimento grande de diamantes, era (rota) de transporte, comércio e mercadoria"⁵.

Na cidade de Tesouro havia 23 estabelecimentos comerciais varejistas, e 22 nas demais localidades do município, totalizando 45 casas de comércio. Todo o movimento bancário era realizado em Guiratinga, na época, a 54 km de distância.

Os dois principais meios de transportes eram terrestres e aéreo. A sede municipal ligava-se, através de rodovias, às cidades vizinhas de Barra do Garças – 270 Km; Guiratinga – 54 Km; Poxoreu, via Guiratinga, 204 Km; Torixoréu, via Ponte Branca, 320 Km. Essas estradas eram apenas carroçáveis, não dando tráfego todo o ano. O transporte aéreo era muito comum. O município era servido por um regular número de táxis-aéreos, sediados em Guiratinga, havendo campos de pouso não só no distrito sede como em quase todas as curutelas.

Mas um dos problemas mais cruciais era o abastecimento de gêneros que não se produziam ali. No caso do Tesouro, os caminhões e aviões só passaram a ser mais frequentes a partir de meados da década de 1940. Os mapas de época apresentam, desde a década de 1920, uma estrada boiadeira e carroçável, depois adaptada para autos, que vinha de Goiás e do Triângulo Mineiro (Uberaba e Uberlândia) e passava por Santa Rita do Araguaia, Bonito, Cafelândia, Buriti, Alcantilado, Lageado, Cassununga, Estação Telegráfica Presidente Murtinho, Sangradouro, Capim Branco, Chapada dos Guimarães, Cuiabá. Nesta rota, Lageado se posicionara estrategicamente.

⁵ Entrevista com Sra. Anacleta Magalhães, Tesouro – MT, setembro de 2002. O depoimento, entre outros pontos, serve para resgatar uma das rotas terrestre de Cuiabá com São Paulo e Minas, via Goiás, que foi alterada nos anos de 1960 com a construção da BR-364.

alfaiates, farmacêuticos, dentistas/protéticos, costureiras, barbeiros, seleiros, funileiros, pedreiros, carpinteiros, padeiros, professores, funcionários públicos, lavadeiras, etc.

Todo este conjunto de pessoas, além de trabalhar, acabou por desenvolver uma série de atividades que, em certa medida, procurava deixar seu existir cotidiano mais ameno. Estamos nos referindo às suas festas, jogos e brincadeiras, relações de afeto, amizade, amor e ódio que, de alguma forma, externalizavam seus valores e crenças. A vida cultural em Tesouro era mais ou menos agitada se considerarmos onde o município se situava. As festividades sociais das quais participavam quase todos os moradores, podem ser divididas em profanas e religiosas. Entre as festas religiosas destacamos as do Divino Espírito Santo, a quem se tinha uma devoção especial, e a de Santa Terezinha, padroeira da cidade.

A festa do Divino Espírito Santo, que ocorre sempre entre a última semana de maio e a primeira de junho, dependendo do calendário litúrgico, era organizada pela alta sociedade local. Seus preparativos começavam muito antes do dia da festa, mais precisamente nove dias, quando os festeiros, acompanhados dos demais organizadores da festa, e a banda saíam com a Bandeira do Divino a esmolar.

“Era festa de tradição. A gente saía na cidade com bandeira. Os senhores e as senhoras, os jovens saíam tudo com a gente, com aquelas bandeiras bonitas, pedindo dinheiro”⁷.

A Bandeira do Divino saía durante o dia e percorria a cidade de casa em casa. Na residência previamente combinada, ou naquelas que convidavam a Bandeira, parava-se na porta e, entoando os hinos adequados para o momento, pedia-se licença para entrar. Uma vez no recinto, procedia-se a benção da casa e de seus moradores. O dono da casa geralmente havia se preparado para recebê-los, oferecendo a todos alguns comes-e-bebes, dos quais o vinho era a bebida preferida. Na saída ocorria mais um ritual onde se misturavam bênçãos e cânticos. Vejamos como os depoentes se lembram saudosos das festas que vivenciaram por aquela época:

“Nas festas do Senhor Divino e de Santa Terezinha tinha a parte religiosa, que eram as missas, e tinha a parte das festas que eram os leilões. Tinha os festeiros, os coordenadores, e tinha os novenários. Todo mundo conhecia

⁷ Depoimento de Sra. Anacleto Magalhães, Tesouro – MT, setembro de 2002.

quem era o novenário e novenária. A novenária fazia a bandeja e o novenário tinha a obrigação moral de comprar a bandeja, arrematava. Quando tinha dia que o novenário era muito rico e a novenária fazia uma bandeja muito bonita, esse dia era mais concorrido. Eles diziam: hoje é o dia de fulano de tal e fulana de tal. O novenário não podia deixar outro comprar porque era desmoralizado. Quando ele arrematava vinha pra casa, o novenário e a novenária e já fazia o baile e já tinha a festa a noite toda".

À noite aconteciam os leilões. Os festeiros escolhiam por afinidade grupos de pessoas do município, ou que podiam inclusive morar em fazendas ou cidades vizinhas que iriam oferecer bens, de valor real ou simbólico, para os leilões. Tais pessoas recebiam o nome de novenários e, o festeiro, fazia publicar a lista com os seus nomes e os respectivos dias que deviam abrilhantar a festa. Os novenários eram pares de homens e mulheres, não necessariamente casados. O papel desempenhado por eles era o seguinte: a novenária deveria oferecer uma prenda para ser leiloada. Ao novenário, caberia cuidar para que a mesma não fosse arrematada por um preço baixo ou por uma outra pessoa. Caso ele não arrematasse a prenda oferecida por sua novenária denotaria que ele estava em situação financeira difícil, ou mesmo falta de fé, o que o colocava numa situação delicada frente à sociedade.

Diante de tal jogo, os leilões eram momentos muito esperados por toda a comunidade. Ali se mediriam o poder político e econômico de seus moradores considerados mais abastados e ilustres. Apesar de ser uma festa religiosa, esta expressava as disputas entre segmentos da sociedade local. Não era raro que garimpeiros momentaneamente abastados desafiassem comerciantes e fazendeiros ricos. Por sua vez, os mesmos precisavam reafirmar seu poder frente a sociedade.

Muitas disputas entre pessoas rivais se arrastavam por anos. O jogo, beneficiava a igreja a quem se destinava o dinheiro arrecadado em tais festas. Quando tudo ocorria bem e o novenário arrematava a prenda oferecida pela sua novenária, era comum realizar uma festa na casa de um dos dois, mesmo porque as prendas de maior destaque eram grandes bandejas ricamente confeccionadas e que continham lutas ceias.

Os leilões ocorriam nas duas festas religiosas coordenadas por sua elite. De sua parte, o povo também possuía as festas religiosas, mas, por serem modestas,

não causavam tanto alvoroço. Ao menos três datas podem ser destacadas a de São João, a do Bom Jesus da Lapa e dos Santos Reis. Estas três festas foram trazidas do Nordeste e aconteciam duas durante o período do estio e uma durante os ciclos natalinos.

As festas juninas, como as de Santo Antônio, São João e São Pedro, fazem parte do ciclo de festas dos povos do sertão do Nordeste brasileiro e foram trazidas pelos migrantes de lá oriundos. A não ser nos casos em que um destes santos fosse padroeiro de alguma curruetela, tais festas assumiam feições particulares. Isto não significa que fossem modestas ou menos importantes.

A maioria dos baianos radicados em Tesouro e Batovi era devota de um destes três santos. Cada uma das festas era acompanhada de fogueiras, muitos comes-e-bebes e bailes animados pela sanfona, zabumba e triângulo. Devido ao fato bíblico de São João ter batizado Cristo, a sua festa encerra um ritual mais sofisticado. Por ocasião de sua festa, 24 de junho, costumava-se pular fogueira. Tal fato consistia em escolher um padrinho de fogueira com quem se passa a ter uma relação de amizade e respeito para o resto da vida. Deste modo, esta festa servia para solidificar laços de amizade e mesmo de proteção entre pessoas de status sociais diferentes.

Os batizados de fogueira eram realizados por escolha mútua de padrinho e afilhado. De acordo com as palavras do pesquisador Valdon Varjão:

“A motivação desse ato era a consagração de respeito dos menores para com os mais velhos. O compadresco por conveniência – mesmo sem constar os afilhados – pode ser efetuado como prova de amizade entre as pessoas, crianças ou adultos.

São João dormiu

São João acordou

Sou compadre de (fulano/a)

Sou comadre de (fulana/o)

Que São João Mandou”⁸.

⁸ Varjão, Valdon, *Barra do Garças (Migalhas de sua História)*, Senado Federal, Centro Gráfico, Brasília, 1985.

Como no caso das festas juninas, as de Santos Reis também foram trazidas pelos nordestinos. Faziam parte do ciclo das festas natalinas. As festas de natal, ou do Menino Deus, começavam ao menos vinte dias antes da data consagrada ao seu nascimento com a feitura dos presépios ou 'Lapinhas de Belém'. As Lapinhas duravam até o dia de Reis, 6 de janeiro. Nesse período eram realizadas as Falias de Reis. Tal comemoração contava, principalmente, com a presença masculina. O início da celebração é o que se consagrou como o do nascimento do menino Deus, 25 de dezembro, e vai até 06 de janeiro, data da chegada dos três reis magos a Belém de Judá.

Em Tesouro e nas curretelas garimpeiras sob sua área de influência tal festa se reproduzia de modo similar ao de sua região de origem. Durante cerca de 15 dias, grupos de homens tocando instrumentos como tambor, bumba, gaita, rebeca, reco-reco e pandeiro visitam casas de pessoas amigas entoando um conjunto de hinário que lembram a peregrinação dos Três Reis Magos.

Quanto às festas profanas, podemos destacar as festas privadas e as que envolviam toda a população. Dentre as festas privadas destacam-se os bailes, os batizados, os casamentos, os piqueniques e o carnaval. Os piqueniques eram uma das formas que os jovens da sociedade local, que não trabalhavam para seu próprio sustento, encontraram para passar o tempo, cultivar amizades, encontrar-se longe dos olhos vigilantes dos pais e, às vezes, namorar. Enfim, eram momentos de lazer em que os banhos de rio amenizavam o calor das tardes sufocantes nos fins de semana.

“O pessoal se reunia, porque aqui não tinha muita opção de lazer. Então eles combinavam, vamos fazer piquenique na fazenda de D. Hilda. lá o pessoal, aquela caravana a pé, lá passava o dia, fazia farofada e galinhada. Essas coisas... dançava, cantava...”¹⁰.

Além dos piqueniques, havia mais duas distrações para os filhos das pessoas mais abastadas: o futebol para os rapazes e o voleibol para as moças. No caso do futebol, havia disputas acirradas não só entre os times da própria localidade, como das cidades e curretelas vizinhas. Nos acervos fotográficos particulares as fotos dos times de futebol ocupam lugar de destaque. Um dado curioso é que tão importante

¹⁰ Depoimento da Sra. Acely Dias de Souza, Tesouro – MT, setembro de 2002.

quanto um bom futebol, o time deveria ter uma bela rainha. Por sua vez, o voleibol era uma diversão das moças aos domingos pela manhã.

Do carnaval, que era uma festa mais popular, participavam todos, só que em espaços de sociabilidade e horários diferentes. Vejamos:

“Era bom demais! Eles reuniam um grupo, programava o carnaval. Os músicos eram daquela orquestra do Marinho... começava um mês antes o ensaio. O carnaval era no clube e na rua. Na rua era cordão, durante o dia. Fazia o cordão da sociedade e o cordão da rapaziada, não dava pra cruzar, o povo preservava pra não cruzar os cordões. (No clube) Tinha o bloco dos ‘Marrucos’, que eram os casados. Eles só entravam depois que todos estavam no clube. Entravam e abafavam, porque era o povo que tinha mais dinheiro”¹¹.

Do que se pode perceber, a sociedade que se formou na região garimpeira tinha um rígido padrão comportamental que exigia de seus componentes o conhecimento de uma série de normas. Quem não as obedeciam corria o risco de ficar à sua margem.

A emancipação política do Tesouro, em 1953, foi parte, entre outras coisas, de seu amadurecimento econômico. Refletiu que aquela sociedade havia criado raízes e encontrado soluções para equacionar a sua sobrevivência. Como já foi destacado, havia no município dois povoados alçados à categoria de distritos: o Cassununga e o Batovi. O primeiro deles, com o passar do tempo, foi definhando até desaparecer. O segundo distrito, também objeto deste estudo, passou por vários reveses. Hoje, luta de forma organizada para continuar existindo.

Entretanto, poucos anos após sua emancipação política, o município começou a vivenciar as primeiras crises na produção diamantífera. Com o fluir dos anos, os garimpos mais fáceis de se mandar/explorar, o de grupiaras e monchões e os tocados a rego d'água foram exauridos. Por outro lado, o método de trabalho implantado nos garimpos, a forma de remuneração dos garimpeiros, o sistema de compra e venda de diamantes e o contrabando não permitiam que os garimpeiros acumulassem capitais.

¹¹ Depoimento da Sra. Acely Dias de Souza, Tesouro – MT, setembro de 2002.

Deste modo, à medida em que os cascalhos diamantíferos se exauriam ou se tornavam mais difíceis de serem explorados desencadeou-se uma crise econômica. No caso do Tesouro o fenômeno começou a se evidenciar a partir anos de 1960. Um dos indicadores mais fortes do fato foi a migração populacional.

Se atentarmos para os censos demográficos de 1960 a 2000, veremos como esta hipótese é plausível.

POPULAÇÃO DE TESOIRO – 1960 a 2000

HABITANTES	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1960	6395	3448	2947
1970	5796	3039	2757
1980	3693	2039	1654
1990	4548	2482	2066
2000	3130	1684	1446

Fonte: IBGE Censos Demográficos: Estado de Mato Grosso 2000.

Como se pode perceber, entre as décadas de 1960 a 80 o número da população do município reduziu em quase 50%. A tendência imediata é acusar a crise do garimpo como o único responsável por tal mudança. Entretanto, faz-se necessário investigar as transformações por que passava o Mato Grosso naquele momento e seus reflexos sobre o município de Tesouro. Ao menos dois fatores explicariam o êxodo.

O primeiro, já referenciado, foi o esgotamento dos cascalhos de mais fácil acesso. A explicação corrente daqueles que se mudaram é de que o lugar não oferecia recursos para os filhos estudarem. Discurso de difícil sustentação, mesmo porque era comum que as famílias mais abastadas levassem seus filhos para estudar em outras cidades e/ou estados. O que de fato deve ter ocorrido foi o empobrecimento de um grande número de famílias que migraram em busca de melhores condições de vida.

A ideia do empobrecimento pode ser reforçada se rastreamos para onde se mudaram aquelas pessoas: Cuiabá. Ali ocuparam a sua preferia em franca explosão demográfica. Entre os anos das décadas de 1960 1980, a evolução da população de Cuiabá foi a seguinte: 56.828 (1960), 100.860 (1970) e 212.984 (1980)¹².

¹² Coy, Martin, "Transformação Sócio-Ambiental do Espaço Urbano e Planejado em Cuiabá (Mato Grosso)", en *Cadernos do NERU/Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos – ICHS – UFMT*, nº 3, EdUFMT, Cuiabá, 1994, 146.

Como se pode perceber, a cada dez anos, a população da capital de Mato Grosso dobrava. É claro que não com a população do Tesouro, mas é um indicativo muito forte do papel que aquela capital teve como centro de atração de pessoas de várias regiões do estado que passavam por momentos/situações econômicas semelhantes. Entre outras localidades destacamos: Guiratinga, Poxoréo, Alto Araguaia, Alto Graças e Barra do Garças, Alto Paraguai, Nortelândia, Arenópolis, núcleos urbanos que haviam se constituídos a partir da exploração diamantífera, conforme vários depoimentos.

Voltando ao Tesouro e à sua população migrante, esta, em Cuiabá, estabeleceu em seus bairros, à época periféricos, como o Dom Aquino e a Lixeira. Outros, mais pobres, tiveram mesmo que lançar mãos de recursos extremos e foram morar em invasões, que ali recebem o nome de grilos, como o Pedregal e o Barro Duro. Com a abertura dos CPA's I, II, III e IV (bairros que deveriam abrigar os trabalhadores do novo Centro Político Administrativo da capital) vários foram ali se radicar. Mão-de-obra desqualificada, muitos desses ex-garimpeiros e ex-agricultores passaram por momentos de extrema dificuldade financeira. De início trabalhavam desde servente de pedreiros a ambulantes. Com o passar do tempo, à medida que seus filhos estudavam, foram melhorando de vida e ocupando cada vez mais cargos de destaque nos serviços públicos, no comércio ou nas profissões liberais.

O segundo fator que explicaria o êxodo do município encontra-se no campo; mais especificamente nas novas relações de produção que se implantaram em Mato Grosso a partir da década de 1970.

Antes de passarmos aos fatores externos, é preciso lembrar que o tipo de agricultura desenvolvido no município era o tradicional da roça de coivara. Nesse sistema, as técnicas rudimentares limitam a quantidade de solo utilizável às matas ciliares. Com o passar dos anos, o crescimento da população, e o uso excessivo deste tipo de agricultura, esse recurso natural, de difícil e lenta renovação, também se esgotou. Daí decorre que muito dos migrantes eram antes pequenos agricultores.

Pois bem, a partir de 1968, com um novo modelo de desenvolvimento econômico gestado para o país, caberia à região de campos e cerrado do Centro-Oeste brasileiro desempenhar um papel decisivo na economia nacional. Como parte de um projeto político gestado pelo governo central, conforme expresso numa peça publicitária de época, o mesmo passou a ser identificado como o

Celeiro do Brasil. Na prática, isso significava a incorporação das terras ácidas do cerrado ao setor produtivo.

Para que isto fosse possível, era preciso lançar mão de tecnologia apropriada; o que significava um volume de capitais que os fazendeiros da região não dispunham. Para ajudá-los, o governo, através do Banco do Brasil e do Banco da Amazônia gestou uma série de Programas que lhes emprestava o dinheiro necessário para transformá-los de pecuaristas, também, em produtores de grãos: como arroz e milho; ou mesmo para melhoria de suas pastagens. A falta de conhecimento técnico, dos novos mecanismos de mercado e das artimanhas dos bancos, com suas altas taxas de juros, levaram fazendeiros tradicionais ao endividamento junto ao sistema financeiro, daí decorreu e execução de suas dívidas e os seus consequentes empobrecimentos.

Nos anos da década de 1980, os bancos, após executarem suas dívidas, venderam suas propriedades a agricultores e/ou empresários vindos de outras regiões do país, que hoje plantam, nas fazendas do antigo leste mato-grossense e do Tesouro, soja, milho, cana de açúcar e algodão, utilizando tecnologia de ponta, e com reduzido emprego de mão-de-obra.

Como se pintou, o quadro de crise das formas primevas de organização material dos modos de viver que o município de Tesouro sofreu, nas três últimas décadas do século XX, foi de bastante impacto. Mas, nem todos se mudaram do Tesouro. Um número significativo pessoas persistiu e encontrou outras formas para garantir a sua sobrevivência física e espiritual. Voltemos nossos olhares para aqueles que ficaram.

Entre os anos de 1960 e 70, uma boa parte da população economicamente ativa do município de Tesouro encontrava-se empregada no garimpo manual. Sofrendo reduções paulatinas, esta distribuía-se pelos antigos garimpos, fosse nos monchões, grupiaras ou no leito dos rios. Ainda que não se possa mensurar, é sabido que houve uma diminuição no volume de diamantes extraídos e no volume de capital circulante. O comércio reduziu em número e importância. Antigas currutelas, como Chapadinha, Pião, Biongo, Queixada, Corgo D'Anta e Cassununga definharam até desaparecer.

O garimpo manual persistia, só que cada vez em menor escala, assim, aos poucos, as dragas foram sendo instaladas no município. Vale destacar duas

informações. A primeira é de que desde os anos de 1970 que esse movimento ocorria nas demais zonas diamantíferas de Mato Grosso, como nos municípios de Poxoréo, Alto Paraguai e Diamantino. A segunda, é que desde a década de 1950 que ocorreram ali as primeiras experiências de instalação de dragas, só que em escala reduzida, que não chegou a interferir em sua estrutura produtiva.

Foi somente a partir de 1980 que as dragas marcaram a sua época. Vejamos o que nos diz um morador de Tesouro:

“Eu não sei ao certo quando surgiram as dragas, mas quando eu vim trabalhar aqui em 1980, já existia. Eu acho que foi em 1975. Meu pai era funcionário público. Ele ficava um tempo no Batovi e outro no Tesouro. Ele começou a mexer com garimpo em 1978. Trabalhou com dragas. Em 1980, viemos para o Tesouro explorar o rio Garças. Trabalhamos a década de 1980 inteira”¹⁴.

A sequência do depoimento nos permite visualizar aspectos diferenciados. Entre outros, destacamos: a localização das dragas, seu número aproximado, o sistema de trabalho empregado, as técnicas de exploração e sua influência sobre a economia do município.

Na tentativa de encontrar os antigos veios diamantíferos, que não puderam ser explorados no passado, por falta de tecnologia, as dragas foram instaladas preferencialmente às margens e nos leitos dos rios; outras menos, nos monchões e nas grupiaras. Portanto, as áreas próximas às antigas currutelas garimpeiras, como Monchão Dourado, Cassununga, Pião, Biombo, Queixada, Corgo D'Anta, Batovi etc, foram privilegiadas. Algumas delas chegaram mesmo a viver um novo alento.

Se voltarmos ao quadro que retrata a população do município, percebemos que, na passagem dos anos de 1990, esta vivenciou um breve período de crescimento para depois voltar a decrescer. Isto significa que durante o período áureo das dragas, não só cessou a sangria migratória, que o município experimentava desde 1960, como para ali acorreram pessoas de outras regiões do estado e do país. Não se sabe ao certo o número de dragas e o volume de pessoas que as mesmas empregavam. Os dados são estimativas de alguns moradores. Dois exemplos. O primeiro deles refere-se a um dos locais, 'uma virada' no rio das Garças.

¹⁴ Depoimento do Sr. Ildo Morales da Paixão – Tesouro/MT, setembro de 2002.

“Tinha 14 dragas. Cada draga tinha dez homens trabalhando. Eram 140 homens. Essa primeira foi 140, a segunda foi no ano de 1989 e tinha 33 máquinas. Essa ‘virada’ já foi feita no rabo da outra”¹⁵.

Ou seja, num segundo momento, o número de garimpeiros no mesmo lugar chegava a cerca de 330 homens. A segunda estimativa é de que, no momento de maior intensidade de exploração, o número de dragas tenha chegado a mais de 200, ou seja, cerca de 2.000 homens empregados nas atividades garimpeiras.

O sistema de trabalho e as técnicas de exploração são dois fatores que permitem entender os mecanismos de funcionamento daquela economia, bem como as relações sociais que a regulava. Em cada draga trabalhavam cerca de dez homens. As despesas de manutenção eram com *“óleo da máquina, despesa com carne era uns 15 a 20 kilos de carne, arroz, feijão, gira em torno de quinhentos reais por semana”*. Na sequência, o informante afirma que para se ter lucro com uma draga seria preciso que a mesma produzisse o equivalente de mil e quinhentos a dois mil reais, por semana.

Nas dragas, os garimpeiros trabalhavam em conjunto e recebiam uma porcentagem. O dono da draga deduzia o valor gasto com as despesas. Se fosse o caso, cerca de dez por cento para o dono do garimpo. Aos garimpeiros destinava-se trinta ou trinta e cinco por cento (o equivalente a três ou três e meio por cento para cada um), e o restante do líquido era seu ou dividido entre os sócios, caso houvesse.

Ainda que não se possa mensurar o volume de diamantes extraídos nesse período, o certo é que as dragas trouxeram um novo alento para economia local e possibilitou ganhos financeiros à sua população de tal monta que estancou o fluxo de migrações do município. Na verdade, por um período de mais de dez anos, chegou mesmo a ocorrer a fixação de novos moradores ali.

Costuma-se dizer que um dos indicadores da prosperidade de um garimpo pode ser medido através do movimento na zona de baixo meretrício. Um depoimento:

“Tinha uma rua que era só de zona. (O garimpeiro) fazia dinheiro e ia torrar tudo na zona ... Um garimpeiro, no fim de semana, pegava um baú com

¹⁵ Depoimento do Sr. Ildo Morales da Paixão – Tesouro/MT, setembro de 2002.

quinhentos, setecentos reais, descia pra zona, começava a tomar cachaça. A mulher tomava o dinheiro dele. Chegava na segunda-feira, ele não tinha mais dinheiro.... Não tinha um cigarro. Sabia que ia ter mais diamante”¹⁶.

Faz-se necessário algum comentário sobre o fato do garimpeiro, ainda no início do século XXI, ser ‘apresentado’ como gastador e não acumulador. É preciso ter em mente que a sua percentagem nos ganhos era bastante reduzida: três por cento. Um trabalhador cuja margem de ganho é tão limitada, que recebe pela produtividade, que é irregular e depende da sorte, dificilmente consegue acumular.

É preciso questionar o estereótipo que se construiu sobre o garimpeiro ao longo de séculos de que ele é gastador e imprevidente. Tal visão ajuda a responsabilizar o garimpo e os garimpeiros pelo fracasso econômico de seus municípios. Se há responsáveis pelo processo, não creio que sejam os garimpeiros, mesmo por que a sua margem de ganhos era bastante reduzida. Repito: cada um ganhava por volta de três por cento do valor líquido dos diamantes vendidos.

Entretanto, apesar disso, o pouco que os garimpeiros ganhavam ajudou a reanimar a economia do município, particularmente o seu pequeno comércio. Por um breve período, a região reviveu um certo clima de euforia. As notícias de dragas que pegavam manchas de diamantes e de pessoas que enriqueciam da noite para o dia voltaram a povoar o imaginário dos garimpeiros. Vejamos um depoimento.

“Melhorou, mas ninguém não aproveitou nada, não. Voltou aos tempos antigos. O povo quebrava 200 contos numa noite só. Teve alguns que fez umas casinhas. Uns comprou geladeira, TV. Tem uns que comprou uns 4 carros, comprou moto, pra mais de 50 motos, depois vendeu... Gastavam tudo no cabaré. Muitos poucos sobreviveram, (Fulano de Tal) mesmo, fez um bar, ajeitou uma casa pro filho, ajeitou pra outro, comprou uma terrinha, foi o que sobrou pra ele. Foi que ele deixou uma reserva, era o cofre dele. Quando ele foi lá não deu nada. Eles chegaram de encher prato de diamante. Durante as dragas deu muito diamante... pegaram 700, 800 diamantes numa mandada só”¹⁸.

Ou seja, a ideia da riqueza fácil, da imprevidência e da pouca habilidade em acumular bens aparecem em sua fala como algo corriqueiro, como algo que

¹⁶ Depoimento do Sr. Ildo Morales da Paixão – Tesouro/MT, setembro de 2002.

¹⁸ Depoimento do Sr. Enedino Morales – Tesouro/MT, setembro de 2002.

faz parte do modo de ser do garimpo e do garimpeiro. O enriquecer e o acabar tudo é uma fatalidade em suas vidas. Envolvidos em sua faina cotidiana pela sobrevivência, eles não percebem que, de fato, o garimpeiro, ou mesmo o dono garimpo, são pessoas que, apesar de arcar com o ônus do trabalho e da pecha social, são os que menos ganham.

O sistema todo é montado de tal forma que os ganhos se concentrem nas mãos dos grandes compradores e exportadores dos diamantes. Tão logo os garimpos cessem de produzir, o garimpeiro e os donos do garimpo quebram (abrem falência). Por sua vez, o município fica com as terras degradadas e uma imensa dívida social.

Os anos da década de 1990 começaram amargos para a população do município de Tesouro com a diminuição da produção diamantífera oriundo do sistema de dragas: *“Até 1994 aí os garimpos foram ficando mais fracos. Os garimpos foram ficando mais difíceis e o governo começou a ‘bater duro’. A partir daí, o povo foi indo embora. Foram pra região norte. Agora que o pessoal tá partindo pra lavoura, tão aprendendo a lidar com a lavoura, porque eram garimpeiros”*¹⁹.

Em meados da década de 1990, a situação do município de Tesouro era deveras preocupante. O ronco dos motores das dragas havia sido silenciado. A Fundação Estadual para o Meio Ambiente (FEMA) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) passaram a coibir de forma mais sistemática, inclusive os garimpos manuais. Oficialmente, aos olhos do Estado, o garimpeiro era agora um contraventor. Na agropecuária, a mecanização reduzira drasticamente as possibilidades de trabalho no campo. Segundo a fala corrente, a economia do município era alimentada pelo funcionalismo público municipal, estadual e em menor escala federal, além da significativa parcela de aposentados pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS).

Estudo de Caso: O Batovi

Como no caso de Tesouro, também no do Batovi, não há como precisar a data de sua fundação. Após pesquisas, talvez se possa dividir a história do distrito a partir da seguinte periodização: de 1925 a 1942, fase de consolidação; de 1942 a

¹⁹ Depoimento de Ildo Morales da Paixão – Tesouro/MT, setembro de 2002.

1960, período áureo; de 1960 a 1970, crise do garimpo manual; e, de 1980 a 1990, era das dragas, e 1994 a 2002, crise definitiva das atividades garimpeiras.

Os informantes mais antigos são unânimes em afirmar que, por volta de 1924 ou 25, já havia ali um aglomerado urbano de garimpeiros. Dois testemunhos caminham nesse sentido. O primeiro deles é de D. Zelina e o segundo do Sr. Crescêncio. D. Zelina afirma que nasceu no Maranhão (Santo Antonio de Balsas) em 1919. Foi trazida pelos pais para o Mato Grosso, onde se radicaram numa pequena propriedade agropastoril denominada Olho d'Água. Segundo se recorda, desde os seis anos de idade, já ía ao Batovi com seus pais; portanto, a partir de 1925. Seu Crescêncio, que chegou à região no ano de 1942, afirma que os mais antigos diziam que em 1924 os garimpeiros do Batovi se encontravam com os capangueiros que íam do Cassununga para Barra do Garças no meio do caminho. Os capangueiros não desciam até o Batovi, pois os diamantes ali faiscados eram finos, ou seja, pequenos, e lhes despertavam pouco interesse.

Do que se pode depreender da memória de D. Zelina, o Batovi da década de 1920 era uma currutela de uma única rua que, nos anos 1940, passou a ser denominada de Rua de Baixo, onde funcionava um pequeno comércio que abastecia um número cada vez maior de garimpeiros vindos de muitos estados do Brasil, mas em especial da Bahia. Entretanto, como sua família, havia ali muitos maranhenses, mas estes se vinculavam mais às atividades agrícolas e comerciais e menos aos garimpos.

A currutela, durante a semana, era mais ou menos calma. Ali permaneciam comerciantes, mulheres e crianças ou algum garimpeiro em busca de mantimentos. No final da semana, entretanto, eram intensos o movimento e o reboliço. O número de pessoas pela única rua era tanto que não se conseguia andar por ela. Era nesse momento que ocorriam as relações de compra e venda. Ou a simples troca de diamantes por mercadorias. Era a ocasião de aliviar, ou mesmo criar tensões. Ali, os homens reafirmavam sua masculinidade através de jogos de azar, bilhar, disputas por mulheres em cabarés, ou mesmo dando tiros de revólver para o alto.

A balbúrdia e o reboliço tinha uma razão de ser. Acreditava-se que quanto mais barulho se fazia, mais diamantes se atraía; quanto mais se gastava, mais se enriquecia. Os diamantes não gostam de gente miserável, que não sabe gastar! Dinheiro é para se gastar mesmo! Quanto mais se gasta, mais se ganha! Estas eram

expressões corriqueiras nos garimpos, e que, talvez, tenha ajudado a forjar um estereótipo que leva a maioria das pessoas, ao senso comum de acreditar que, para os garimpeiros, a poupança sempre estivesse em segundo plano.

No caso do Batovi, não há registros seja de memória, ou escritos, de que tenha ocorrido ali qualquer tipo de violência, em grandes proporções, contra a vida humana. Ocorriam, sim, pequenos crimes, geralmente por questões de honra, que podiam redundar em morte. Um fato que assustava quem fosse de outro meio social era que, nos garimpos, crimes como roubo ou estupro não careciam de julgamento; a pena era a morte. Rito sumário do qual participavam as pessoas ou parentes dos prejudicados. Claro deve estar que quando algum desses episódios ocorreu isso se deveu muito mais a ausência ou presença débil do Estado, desempenhando suas funções junto à sociedade civil, e não por serem os garimpeiros homens sem respeito às leis.

Entre as décadas de 1920 e 1930, a vida ali transcorreu, como nas demais regiões do leste mato-grossense, com muitas dificuldades, como as de abastecimento, mas também com alegrias, que se registravam por ocasiões de festas e encontros sociais. Aos poucos, a currutela foi se consolidando e as pessoas passaram a procurá-la com mais frequência. Muitos garimpos foram abertos sob sua área de influência. Mais que isso, começaram a ocorrer investimentos na exploração dos garimpos.

O principal deles foi a construção de açudes, viradas de córregos e rios, além da abertura de extensos regos d'água, que passaram a facilitar o trabalho, possibilitando que áreas, inicialmente, impróprias fossem exploradas. É preciso que se registre que o relevo da região foi fundamental para que tais melhorias fossem implementadas a custos relativamente baixos e com tecnologia que usava a força da gravidade como base. Tais medidas, com certeza, foram responsáveis pela consolidação do povoado do Batovi como área de referência na exploração diamantífera.

Com o aumento das pessoas, a cada ano que passava, os meios de comunicação e transporte também melhoravam. Cada vez mais o padrão de consumo das pessoas aumentava. O comércio e os comerciantes do Batovi prosperavam. Na passagem dos anos da década de 1940 para a de 50, o Batovi vivenciou seu período de apogeu. Várias transformações atestam tal afirmativa.

O censo de 1950, que na verdade reflete a situação dos dez anos anteriores, é o documento que melhor permite visualizar alguns aspectos dos modos de viver da população do Batovi. Dos seis distritos que integravam o município de Guiratinga, o Batovi era o quarto mais povoado. Foi também o único que não se constituiu em sede distrital. Com uma população de 3.355 pessoas, o distrito apresentava uma população masculina superior à feminina, uma tendência das regiões garimpeiras. O número de pessoas no sítio urbano era bem menor que na área rural. Um dado a ser comentado é o fato do censo registrar um certo equilíbrio por sexo entre a população urbana. Isto pode refletir que, no setor de serviços, as mulheres acompanhavam seus companheiros. Já no âmbito rural nota-se um pequeno desequilíbrio.

Outro dado que consta do censo é o número de pessoas com indicação de instrução. O Batovi é o terceiro. Só perde para Guiratinga e Tesouro. Mas a curiosidade maior é que das 688 pessoas que sabiam ler e escrever, a diferença entre homens e mulheres era mínima: 358 e 330, respectivamente. O censo nos permite ainda verificar o declínio da currutela do Cassununga, outrora a mais povoada de todas. Isto se explicaria pelo fato de seus garimpos de extração mais facilitada terem se exaurido. Em contrapartida, o Batovi teve sua população, tanto urbana, quanto rural, aumentada na década de 1940.

Segundo a memória e a data de chegada dos entrevistados²⁰ (apenas dois chegaram antes de 1940), as grandes transformações em termo de crescimento que o Batovi vivenciou datam das décadas de 1940 e 1950. O ano 1942 foi, de facto, o ano em que a currutela extrapolou seus limites físicos. A parte de Baixo, que serpenteava espremida entre o rio e o morro, galgou as encostas escarpadas que a aprisionava. A parte de Cima foi construída. A currutela passou a ser dividida e ser referenciada como Rua de Baixo e Rua de Cima, interligadas por trilhas.

Foi inaugurada uma olaria. Esta indústria, aparentemente modesta, teve uma importância crucial para a arquitetura da currutela. À medida em que sua população melhorava as condições financeiras, as casas de pau-a-pique, com coberturas de palha, foram substituídas por casas de adobes e telhas em estilo colonial. Além de dar um outro aspecto à vila, tal fato a consolidava como um núcleo não itinerante.

²⁰ Ao todo foram entrevistadas dezoito (18) pessoas em Cuiabá, Diamantino, Tesouro e Batovi.

A nova configuração espacial da currutela permitiu também que ali ocorresse uma divisão socioeconômica. A parte de Baixo foi destinada mais às atividades comerciais (açougues, farmácias, padaria, lojas etc.) e de lazer, principalmente o masculino; era ali, numa rua mais ou menos escondida, que ficavam o Bola Azul e a zona de Baixo Meretrício. A parte nova, a de Cima, foi reservada para as residências, ainda que tivessem sido instalados alguns bolichos, um açougue e a Igreja.

“Loja e armazém tinha muito, lá na rua de Baixo. Tinha duas farmácias, um farmacêutico muito bom que mora em Rondonópolis, que chama Conrado. Tinha, nas lojas, fazenda e comestíveis tudo junto, numa casa só. Tinha outras que era só loja. Tinha a loja do seu Martiniano Nogueira, do Valdur. Tinha a do Chico Marinho, tinha a do Lindauro, tinha as duas farmácias, a do Conrado e do Du”²¹.

A construção da nova Igreja na parte de Cima foi financiada por sua população. As verbas conseguidas por doações ou através dos leilões que animavam as festas do Bom Jesus da Lapa e da Imaculada Conceição. A partir de então, a Igreja passou a ser o ponto de referência para a realização das festas e local dos ritos litúrgicos, nas poucas vezes que um padre por ali passava em serviço de desobriga. Em seu recinto realizavam os concorridos batizados, casamentos e primeiras comunhão e crismas.

A instalação do Juizado de Paz, do Cartório, em 1948, e da Coletoria de Rendas trouxe para a currutela a presença do poder judiciário e um maior controle do Estado sobre a população local. Era o reconhecimento da importância econômica, política e social do Batovi no contexto mato-grossense. Foram com essas medidas que o povoado foi alçado à categoria de Distrito de Paz.

A abertura do campo de aviação, em 1947, foi outro fator a revelar a pujança econômica do local. A partir de então, sua dificultosa comunicação com outras praças foi agilizada e facilitada, podendo chegar e sair no mesmo dia os compradores de diamantes vindos não só de Guiratinga e Cuiabá, como de outros estados do Brasil. Segundo os depoentes, quase toda a população podia usufruir os serviços de Táxi Aéreo, uma vez que o diamante era fácil e quase se desconhecia a pobreza na região. Por outro lado, eram muitos os aviões particulares que ali

²¹ Depoimento de Sra. Angélica Gaspar. Batovi – MT, setembro de 2002.

desciam em busca de diamantes. Era raro o dia em que não aterrava avião no Batovi. Era também comum se usar dos serviços desses aviões, fosse como caroneiro, ou fretando-os.

Nas memórias de D. Olindina, à época uma caboclinha de 15 anos, recém chegada do Maranhão, a inauguração do campo de aviação foi um dos eventos que mais mobilizaram e marcaram os moradores do Batovi. No dia da descida do primeiro avião, uma manhã de muita luminosidade, quase todos os habitantes da vila e arrabaldes estava no campo. Após o sucesso do pouso, comemorado com muitos fogos de artifício e tiros de revólver para o alto, o povo, em procissão, voltou para currutela e comemorou o evento com muito vinho e um baile. Muito mais que simples comemorações, as festas eram o momento em que a comunidade reafirmava um conjunto de valores, normas e obrigações que lhes conferiam uma identidade e um continuar a existir de forma respeitosa.

Aos poucos, as famílias que viviam sob o raio de influência do Batovi foram externalizando os hábitos e costumes de suas regiões de origem, reproduzindo/ implantando-os ali. Por exemplo, como o maior número era de baianos, o Santo da devoção foi o Bom Jesus da Lapa. A Padroeira, numa explícita interferência dos salesianos, a Imaculada Conceição.

“Ele (Bom Jesus) é o padroeiro da cidade. Foi os baianos que trouxeram; tradição dos baianos. Essas currutelas aqui foi fundada por baianos, que veio por causa do garimpo. E nós considera Bom Jesus da Lapa como um conterrâneo nosso, que ele é da Bahia, onde foi encontrado o Bom Jesus da Lapa. Foi lá na Bahia, no dia 6 de agosto, na Lapa... Agora Nossa Senhora da Conceição é a mãe dele. Aí botaram a mãe e o filho... Naquela época não vinha muita gente de fora, mas morava muita gente daqui, e nós fazia nós mesmos, a população daqui era muito maior, tinha batizado. Hoje em dia tem 2, 3 batizados. Naqueles dias nós tocava 16, 18 batizados. Teve uma festa que eu toquei 25 batizados...”²².

Na memória dos mais velhos, as festas são momentos bastante presentes. Todos, a elas, se referenciam com a saudade de um tempo de glória e faustos perdidos. Ainda que as festas fossem muitas, a mais lembrada é a do Bom Jesus da Lapa. Não há um único depoente que não tenha se deliciado em descrevê-la.

²² Depoimento do Sr. Edson Marques, Batovi – MT, setembro de 2002.

"Tinha nove noites de festas... O povo ia casar. O padre rezava missas. Casamento e batizado eram feitos nessa festa. Eram feitos os leilões toda noite, e o dinheiro recebido ia pra fazer as despesas e pra pagar os músicos que tocavam, comida, despesa pra hospedar o padre.

- Qual era o papel do festeiro?

*Escolhia os novenários e todos os preparativos que tem pra fazer uma festa. A despesa do festeiro era com o padre. Mandava imprimir os jornais com a programação das festas, com horário das missas, batizados, festas". Eram três ou quatro novenários por noite. A novenária fazia a bandeja, pra o novenário arrematar. Toda noite tinha novenários e novenárias, só que não era só um, era mais. Numa noite, tinha mais gente que era novenário"*²³.

Sobre as transformações que a festa sofreu ao longo do tempo. Para os depoentes, é uma especie de resultado de novos tempos, mas não conseguem associar as mudanças com as distintas fases de desenvolvimento do capital e os limites que 'os novos tempos' impôs às antigas formas de sociabilidade.

*"Hoje as festas não são como eram. Antigamente era dez dias, começava dia 28 de julho e terminava dia 6 de agosto, caísse o dia que fosse. Hoje não. Se dia 6 de agosto cai dia de semana, eles adiam pra o fim de semana... Tinha alvorada, tinha dez dias de festas. Quando era dia 6 de agosto, a festa acabava e ele passava o ramo pra o outro festeiro, que no dia 7 de agosto, que era outro festeiro que tomava conta da festa. O festeiro velho saía cedinho ia pra igreja, oito ou nove horas... O festeiro novo já saía com o ramo na mão até chegar na casa dele,... E nós ia pra casa dele, tocando e ele agradava os músicos que era pra tocar no baile na casa dele à noite... Era o outro baile, tinha um dia 6, que era do festeiro velho, e dia 7, que era do festeiro novo... Eu toquei em muita festa aqui também, mas agora parece que acabou, a festa do mês de agosto e de dezembro..."*²⁴.

Mesmo depois da construção da Igreja, costumes como batizados e casamentos foram mantidos com muitos sacrifícios. A falta de um padre regular fazia com que os noivos, crianças, pais, parentes, padrinhos e convidados, muitas vezes, enfrentassem longas jornadas a cavalo até Merure ou Sangradouro, onde os

²³ Depoimento do Sr. Manoel Conegundes Lucídio, Diamantino – MT, agosto de 2002.

²⁴ Depoimento do Sr. Edson Marques, Batovi – MT, setembro de 2002.

padres salesianos mantinham missões junto aos índios Bororo e prestavam assistência religiosa. Ali se realizavam os casamentos e os batizados; depois, retornava-se para os festejos.

Outra possibilidade era aguardar as visitas de desobrigas do padre que ocorriam duas vezes por ano. Segundo as memórias registradas, essas ocasiões eram bastante esperadas. As festividades eram intensas em cada família em que se realizavam os batizados e/ou casamentos. Era comum que os noivos, afilhados e padrinhos saíssem de suas respectivas casas para a Igreja acompanhados de músicos a tocar pelas ruas e, ao longo do trajeto, os convidados iam se agregando à comitiva que passava até chegarem à porta da igreja. O mesmo acontecia após o final dos ritos religiosos.

*“- Como é tocar um batizado, porque ninguém sabe como é mais?
É assim, eu tenho um filho e chamei você pra ser meu compadre. Sua mulher é a madrinha de meu filho e você, padrinho. Aí, agora, você é aquele entusiasta. Aqui na sua casa você tem umas bebidinha pra dar pra turma. Você vai na minha casa, pega meu filho, você e sua mulher, contrata uma banda de músico...e aí nós vai pra sua casa. Chega lá, você dá cerveja pro povo, aí nós descia... Chegando lá o pau quebrava, na matinê, era o povo dançando. A tradição aqui nós sabe mais ou menos como foi, eu comecei a tocar festa aqui em 1954, mas até 60, o músico de Batovi era eu... Toquei no casamento de seu pai, de Vavá, todo, tudo aí, é que a gente hoje não lembra mais... Aquela mulher de Edmundo Vilela, era muito difícil semana quando ela não dava duas festas, e quem era o músico dela? Era eu... Era bom. Vinha muita gente de Guiratinga. Os fotógrafos, os alfaiates, vinha fazer roupa e os fotógrafos vinham tirar foto...”²⁵.*

Sem dúvida nenhuma, nessas duas décadas, o Batovi vivenciou o auge dos garimpos manuais tocados a regos d'água. Esse modo de exploração dos garimpos talvez seja responsável pelo sucesso da manutenção do povoado do Batovi na margem direita do rio do mesmo nome. Faz-se necessário, portanto, entender que sistema é esse e como funcionava. Antes, porém, é preciso entender a geografia da região.

²⁵ Idem.

O rio Batovi e seus afluentes, tanto da margem direita quanto da esquerda têm suas cabeceiras localizadas em uma área de altitude acentuada para o Mato Grosso, algo em torno de 600 a 550m acima do nível do mar. Eles descem de degrau em degrau, formando belas cachoeiras, até alcançar o rio das Garças numa altitude aproximada de 380 m. O local onde foi fundada a currutela está cerca de 390 m acima do nível do mar. A engenharia popular, percebendo que tal configuração de relevo lhes poderia ser útil, dela se apoderou em benefício próprio. Através da força da gravidade e dos desníveis do terreno, estabeleceu-se uma forma de explorar a maior extensão de terras possível, e de modo a empregar uma menor quantidade de esforços e trabalho.

As técnicas de garimpar naquele espaço dependiam quase que exclusivamente da água. Através do desvio dos cursos d'água, os garimpos de monchão²⁶ podiam ser explorados ininterruptamente todos os meses do ano. Utilizando a abundância de água e os desníveis do terreno, as catas ou catras de diamantes eram desmontadas. O desvio de parte das águas de um rio era um empreendimento que demandava muito trabalho e uma parcela significativa de capital. Para além da virada do rio havia que se construir o rego mestre e regos secundários, que levariam a água até onde os cascalhos eram encontrados. Esta necessidade de capital limitou o número de regos e de pessoas capazes de abri-los e mantê-los. Quem os abria detinha o poder de arrendar a água para os garimpeiros que necessitassem usá-las em seus serviços.

O arrendamento de um rego d'água era permeado por um acordo que pressupunha o seguinte: o dono do garimpo, que muitas vezes, também detinha o direito de uso da água, cobrava 20% dos diamantes que o garimpeiro encontrasse. Em troca, cedia-lhe um batido de água, o equivalente para duas pessoas trabalharem. A água era fundamental para o desmonte da cata e lavagem do cascalho.

Toda a terra que cobria os cascalhos era levada pelo sistema de desníveis para o leito dos rios. Isto facilitava o trabalho do garimpeiro que não precisava retirar aquela terra com a pá. Os trabalhos mais pesados ficavam por conta de quebrar o cascalho, remover as pedras maiores (emburrados), amontoar o cascalho fino em lugar seguro e depois lavá-lo. Em contrapartida, se assoreava o leito do rio.

²⁶ Denomina-se de monchão aos depósitos de cascalho em terra firme, a certa distância do curso dos rios.

Além da porcentagem, o garimpeiro obrigava-se a vender o diamante encontrado para o dono do garimpo ou do rego d'água. Este sistema, que vigorou até o ano de 1953, era chamado de Picuá Preso. A obrigação de ter que vender o diamante para seu patrão, que pagava o preço que quisesse e não o valor de mercado das pedras, levava alguns garimpeiros, na prática, a desviar para proveito próprio, ou seja roubar, um percentual dos diamantes encontrados.

Os métodos usados para ludibriar os donos de garimpo e/ou dos regos de d'água eram diversos. Entre os mais conhecidos estão: os de furar o pião (centro) da peneira para o diamante cair em lugar que ele sabia, e à noite vinha catá-los; engolir os diamantes e depois garimpá-los nas fezes; lavar a cabeceira da corrida (onde se concentrava o maior número de diamantes) um dia antes do previsto. Por seu lado, os patrões tentavam vigiá-los, mas era quase impossível.

Outro meio de se livrar da opressão do sistema de Picuá Preso era trabalhar autônomo, mas isto reduzia o campo de ação do garimpeiro. Ou se trabalhava nas grupiaras, ou de mergulho no leito dos rios. Quem assim procedia só devia obrigações a si mesmo, ou a quem lhe fornecia o saco de mantimentos. Podia vender o diamante a quem quisesse. O problema era o caráter efêmero de tais manchas de diamantes.

Um dado que merece ser investigado é o modo como se organizava o trabalho dentro dos garimpos. Como já foi dito, a maioria das pessoas trabalhavam subordinadas ao sistema tocado por rego d'água. No sistema de rego d'água, trabalhavam numa área mais ou menos em comum cerca de 40 a 120 homens, dependendo da época e do volume de água que se captava do rio. Por exemplo, no garimpo do Cavaco, trabalhavam de 40 a 60 homens. Havia o rego mestre, e sua capacidade era de 20 a 30 batidos (porção) de água. Cada dois garimpeiros recebiam um batido de água e trabalhavam de sócio. A extensão territorial do garimpo do Cavaco era aquela que o rego mestre podia abarcar.

Assim, todos os garimpeiros do Cavaco trabalhavam em frentes de serviços próximos uns dos outros. Ainda que cada serviço de desmonte fosse independente um do outro, e cada conjunto de dois garimpeiros recebesse pelo que produzia, criou-se entre eles o hábito de ajuda mútua, bem como de que cada um recebia por aquilo que produzia, independente do quantum de trabalho empregado. Esta experiência de trabalhar num espaço físico muito próximo, respeitar e ajudar uns aos

outros, ter ganhos diferenciados por trabalhos similares, talvez seja a chave para se entender o sucesso do modo como se organizou e funciona a Associação de Pequenos Produtores Rurais do Batovi (ASPRAB).

Pouco se tem falado sobre a presença feminina nas regiões de garimpo, bem como sobre o papel das famílias legal ou consensualmente constituídas. No geral, o garimpo é apresentado como espaço do masculino, do perigo, do prazer efêmero, do desconforto, da rudeza, enfim, da violência. Dessa perspectiva, a condição da mulher seria a de fornecedora de prazer, causadora de crimes e de viver em pecado.

A ideia que se passa é que o garimpeiro é um ser errante e solitário, desprovido de afeto e em busca de riqueza fácil a qualquer preço! O garimpeiro não finca raízes. Esta máxima popular traz em si uma série de implicações. Uma das mais evidentes é a de que não havia famílias nos garimpos; portanto, mulheres não meretrizes e nem crianças. Ora, isto não é bem assim. Vejamos uma narrativa...

“O pai veio na frente. Pai veio com meu irmão. Veio pra cá, aí a gente ficou lá, uma vida difícil. Nesse tempo que nós ficou lá, encontramos outro meio de vida que a gente até estranha. Era tirando pó de palha, palha de licuri,... E daquilo a gente foi vivendo até quando pai voltou. Em 48 (1948) ele voltou. Ele veio pra cá em 46 (1946). Ele ficou dois anos aqui.

- Como foi a viagem?

De a pé e a cavalo. Os animais que traziam as cargas, as coisas de comitiva, as panelas, essas coisas, ... Nós saímos de lá, de São José, uma caravana de cinco famílias (seu Cirilo, cumadre Flora, tio José, seu Abílio e a nossa).

- Quantas pessoas mais ou menos?

Não sei ao certo. Eu sei que até a Lapa, só de homem solteiro eram 23, mas aí foram esparramando. Na Lapa uns pegaram o navio; o navio que subia ou descia o São Francisco, não sei. Mas aí foi esparramando. Aí a gente veio vindo. Tinha fazenda que a gente passava quinze dias. Tinha fazenda que a gente passava meses, trabalhando, porque o dinheiro foi ficando pouco, foi acabando, (...) Aí perto de Anápolis e Goiânia nós ficamos seis meses, (...) nós saímos de lá em 47, em junho. Chegamos lá na Cachoeira Rica em junho de 48. Lá era zona de garimpo, lá no Manezinho, meu irmão trabalhava, lá,

*pai deixou ele aqui, aí ele deixou nós lá, mas o destino era subir pra aqui, lá do Batovi, aí pai tornou a embalar os animais e viemos parar aqui nos Baianos. Daqui lá é três léguas, aí a gente ficou o resto da vida até 59. Casei por lá*²⁷.

Como se pode perceber, é necessário investigar, descobrir e ressaltar o papel das mulheres que vieram para os garimpos do leste de Mato Grosso. Uma vez instaladas nos garimpos, qual o papel destinado ou conquistado pelas mulheres esposas e filhas de garimpeiros? O que poderiam fazer elas no sertão? Quais suas estratégias de sobrevivência num espaço dito tão masculinizado? Talvez, devamos aprender a ouvir para que elas mesmas possam responder. Vejamos o que tem a nos dizer Angélica Gaspar:

“(...) e aí a gente ficou na roça, as mulheres, eu, a Miúda que era a Josete, que morreu, e a Joanhina, que morreu também, era os pião da roça, eles cuidava da roça, derrubava, roçava, queimava, aí a gente entrava pra desencoivarar, fazer cerca contra capivara. Cheguei de lá (dos Baianos) vivia na luta, aí cheguei aqui (Batovi) e entrei na luta de lavar roupa, fui lavadeira. Lavei roupa pra muitas pessoas desse mundão. Tinha quinze freguesias de mala que ficava em casa, e de família era três, lavava roupa de segunda à quinta.

- Onde você lavava?

Aqui nos Buriti que tinha aqui, pra ali (indica com as mãos o local). Aqui não tinha água pra beber, você tinha que ir ali nos Buriti, é onde tinha água muito limpinha, todo mundo pegava lá, pra lavar vasilha numa biquinha que tinha bem ali, no fundo, e lavar roupa era lá do outro lado do rebaixo. A água do rio não servia pra nada, pra usar é do jeito que eu tô te falando, tinha que deixar de um dia pro outro e nem se coasse na hora não prestava.

- Como você criou os filhos?

Lavava roupas, esse pessoal... os que ficaram não tinham condições de pagar. A garimperada também foi afastando, mas de vez em quando eles aparecia. Aí eu comecei a costurar, a bordar, de vez em quando aparecia um que pedia pra fazer uma toalha, um vestido, uma camisa. Aí eu

²⁷ Depoimento do Sra. Angélica Gaspar. Batovi – MT, setembro de 2002.

coitava... Era difícil. Tinha dia que tinha arroz com feijão e a carne pra comer. Tinha dia que não tinha..."²⁸.

A fala permite recuperar as dificuldades do viver feminino. Sob a tutela do pai, cuidavam não só da casa, como da roça, enquanto os homens garimpavam. É possível verificar aí uma divisão do trabalho por gênero em que ao sexo masculino caberia os trabalhos que dispendessem maior força física.

Outro dado remete ao fato de que uma vez casada, e morando na curutela, continuou a exercer um tipo de trabalho, além do doméstico. Vale mencionar ainda que mesmo os serviços domésticos não eram tão fáceis como a tarefa de abastecer a casa de água potável, uma vez que a água do rio estava cheia de barro devido os garimpos.

A última fala demonstra um fato bastante corrente. As mulheres participaram ou assumiram a responsabilidade sobre a administração da casa e o provimento e educação dos filhos. Além do que, indica as estratégias que as mulheres desenvolveram para criar seus filhos, à medida que a crise do garimpo se acentuava. Outros depoimentos femininos de D. Olindina e D. Zelina nos contam como é que as mulheres de seu tempo viviam...

"Algumas trabalhavam no garimpo. Outras lavavam roupa. Outras costuravam. Outras faziam só o trabalho do lar, mesmo. Numa cidade muito pequena. Nós ía uma na casa da outra. As lavadeiras se encontravam no lugar onde elas lavavam. Quem costurava fazia suas amizades por outras pessoas que íam à minha casa, nos batizados, nas festas e nos casamentos, no baile de Carnaval"²⁹.

Segundo a memória de D. Zelina, que chegou nas imediações do Batovi trazida pelos pais em 1921, sua vida sempre foi de labuta...

"Eu já trabalhava no garimpo. Lavava roupa. O meu pai era João Lopes de Barros e a mãe Luzia Lopes de Barros. Aí nós ficamos no Olho D'água. Era uma terra que usava de roça. Eu cuidava de casa, costurava e ainda trabalhava no garimpo. Trabalhei foi muito"³⁰.

²⁸ Depoimento da Sra. Angélica Gaspar. Batovi – MT, setembro de 2002.

²⁹ Depoimento da Sra. Olindina B. Lucídio. Diamantino – MT, agosto de 2002.

³⁰ Depoimento da Sra. Zelina Barros Moura. Cuiabá – MT, agosto de 2002.

Ainda que não se tenha registros escritos, as mulheres trabalhavam muito. Tiveram um importante papel, na educação dos filhos, na administração da casa, na economia doméstica. Entre as tarefas que desempenhavam podemos destacar os trabalhos: a) na roça; b) na criação de pequenos animais como porcos (de onde se extraía carne e banha) e galinhas (carne e ovos); c) no tear, fiando e tecendo peças para o vestuário; d) no preparo de sabão com fruto de tinguizeiro, do pião do mato, da castanha do pequi ou do sebo de boi, associados à soda cáustica; e) no fabrico de cerâmica (potes, panelas, pratos etc.), de chapéus de palha, de redes de tecidos de algodão grosso, peneiras de palha, bordados, de rendas de bilro etc.

As rendas e bordados desempenhavam uma função particular na vida das mulheres do garimpo, compondo uma das partes mais observadas do enxoval de uma moça em idade de casamento. Por essas peças, avaliava-se o capricho e o esmero da futura dona de casa. Um enxoval mal feito, mal acabado, era sinônimo de pobreza ou de uma futura dona de casa desleixada e relapsa. O enxoval era uma espécie de dote que a noiva levava para a casa do marido. Além de conter peças íntimas, como camisolas, anáguas e combinações ricamente bordadas, que funcionavam como objetos de sedução do marido, comportava ainda o conjunto de roupas de cama, mesa e banho, que o casal usaria nos próximos anos.

As mulheres também desempenhavam importante papel no universo da medicina popular, das rezas, benzições e crendices. Eram exímias parteiras, benzedeadas e raizeiras. Como muitos dos migrantes vieram da região de cerrados, não foi difícil encontrar ali o arsenal de raízes, folhas e árvores necessárias para uso medicinal.

Mesmo com todas essas limitações e imposições, o viver nos garimpos do Batovi prosperou durante duas décadas. Os garimpos mais ricos, que atraíam mais pessoas e que tiveram maior tempo de vida útil, foram os seguintes: Pratinha, Bode, Três Irmãos, Baianos, Cachoeira Dourada, Cavaco, entre outros.

“Aí nesse tempo tinha os garimpos dos Baianos. Aí onde nós morava tinha o garimpo dos maranhenses, pessoal de Perminio, da beira do Jatobá, tinha o Areado que é garimpo. Tinha Lamas, também aqui o Julião, tinha a Lama mais pra cima um pouco que era garimpo, tinha o Pratinha, o Bode, o Cavaco e os Três Irmãos. Tudo era zona de garimpo, tudo tinha gente, tudo

dava diamante e esse pessoal reunia aqui no fim de semana. A currutelinha era cheia de gente"³¹.

A chegada dos anos de 1960 trouxe a limitação real de que as terras disponíveis para se garimpar, a partir do uso do sistema manual de rego d'águas, estavam se exaurindo. Como não se empregavam novas tecnologias, um grande número de garimpeiros foi tendo seus meios de subsistência comprometido, levando-os a procurar outras áreas de trabalho.

Assim, o censo de 1970 é revelador, quando registra para o Batovi uma população de 1.598 almas³². Vinte anos antes, esse número era de 3.355 pessoas; ou seja, cerca de 1.757 pessoas migraram de lá para outros locais de Mato Grosso. Se atentarmos para os números do censo, podemos perceber um dado quase dramático para um pequeno povoado sem nenhuma indústria ou tradição no setor de serviços; o quase equilíbrio entre as populações urbana (756) e rural (842). Comparando novamente com 1950, quando moravam 466 pessoas em seu sítio urbano, vemos que sua população urbana praticamente dobrou. Uma pergunta é: o que faria tanta gente naquele lugar? Trabalhar em quê?!

Considerando que as atividades econômicas que davam vida àquele povoado eram a extração de diamantes, a pecuária extensiva e a agricultura de coivara, trabalhos realizados fora do sítio urbano, e considerando o "inchaço" populacional da vila e o seu esvaziamento do espaço rural, podemos detectar uma crise geral para toda a economia do Batovi e áreas circunvizinhas.

No caso dos diamantes não se pode dizer que os mesmos tenham acabado naquele momento. Pode-se, sim, verificar que o sistema de trabalho usado (garimpo manual com desvio de cursos d'água para desmonte e lava dos cascalhos) se esgotara. Assim, à medida que outras tecnologias foram empregadas, o garimpo dali vivenciou outros momentos de breve euforia.

Quanto à agricultura e à pecuária padeceram do mesmo problema, ou seja, baixo emprego de capitais e tecnologia. No caso da agricultura de coivara esta era praticada ao longo das margens dos rios, nas matas galeria ou ciliares. Quase não se empregava tecnologia. Apenas esforço humano. Na medida em que as áreas plantadas foram sendo exauridas, e não havendo novas áreas para plantar,

³¹ Depoimento da Sra. Angélica Gaspar – Batovi – MT, agosto de 2002.

³² *Censo Demográfico: Estado de Mato Grosso, 1970*, 333.

também os agricultores ficaram sem trabalho. Com a tecnologia em uso naquele período chegou um momento em que não havia mais terras para se cultivar. Aos poucos, as pessoas viram-se forçadas a procurar outros trabalhos.

No tocante à pecuária, não houve muita diferença da agricultura. Praticada por grandes extensões de terra, ela sempre foi a atividade que empregou menos gente. Como não houve investimentos em sua melhoria, como pastagens artificiais ou melhoramento dos rebanhos, chegou um momento em que estagnou. Criava-se apenas uma quantidade de gado que os campos podiam suportar naturalmente. Os rebanhos também pararam de crescer. Com isso estabilizou-se a oferta de trabalho. Diante de tal quadro, poucas alternativas restaram ao povo do Batovi:

“(...) os garimpos começou a ficar ruim de 60 (1960). Parece que os diamantes começou a diminuir. O povo foi indo. Venderam as fazendas. Começou chegar outras pessoas e mexer com garimpos. Em 65, começou a ficar fraco. Parece até que ía acabar. Mudaram muita gente pra Cachoeira da Fumaça, pra Cuiabá. Foi saindo, assim, as famílias.... Em 70-75 deu uma melhoradinha. Aí veio as dragas. Parou o garimpo manual. Aí foi cortando, e aí voltou a indústria de diamante. Da barra do Braga até a cabeceira do Jacu tinha dez dragas, e lá por lado da Lamas. Aí veio os golfeiro, os mergulhos e aí melhorou outra vez e daí acabou outra vez de novo. Em 80 (1980) veio o IBAMA. Proibiu as dragas, e aí os diamantes foi acabando. Hoje em dia não tem mais nada. Nem draga, nem motor, e o Batovi virou esse corregozinho. E o rio quase secou... A água diminui, eles falam que o garimpo acaba com tudo, mas o que acaba é essa desmatção de cerradão que eles faz. Aquilo fica tudo descoberto sobre a quentura do sol”³³.

A chegada dos anos de 1970 trouxe a primeira grande diáspora do povo batoviense. Aqueles mais abastados, e que perceberam a gravidade da crise, trataram de se mudar. Uns foram para Cuiabá. Outros para Rondonópolis e Barra do Graças, e alguns para Guiratinga. Os que ficaram lavavam e relavavam as sobras de cascalho. Revolviam o leito dos rios. Plantavam em áreas pouco férteis. Eventualmente descobria-se uma pequena mancha de diamantes e as esperanças eram redobradas. E assim, os anos foram passando... e a situação financeira dos moradores se agravando.

³³ Depoimento da Sra. Angélica Gaspar. Idem.

A fala da depoente acima transcrita é bastante elucidativa, esclarece-nos sobre alguns dos acontecimentos que o Batovi vivenciou a partir dos anos de 1960/70. Apesar dela atribuir a crise do garimpo a fatores externos a ele, como a necessidade dos filhos dos garimpeiros estudarem e às perseguições dos órgãos oficiais, ela percebe as pequenas brechas que a garimpagem encontrou para sobreviver por quase trinta anos.

Um ponto a ser destacado é que a mesma foi capaz de associar o estágio atual de degradação do rio aos desmatamentos. Isto merece uma explicação: o caráter de atividade econômica predatória sempre foi atribuído ao garimpo, e não à agricultura. A denúncia de que o rio está secando com os desmatamentos é muito séria. Deveria ser investigada pelos órgãos competentes.

Mas, voltemos ao Batovi do garimpo, e a refletir sobre alguns trechos da fala citada, particularmente, o fato dela permitir entender que o garimpo não acabou da noite para o dia. Mesmo uma parcela significativa da população do distrito do Batovi tendo se mudado, tal mudança foi paulatina. Trinta anos se passaram desde a morte anunciada do garimpo na década de 1960. Até meados da década de 1990, as pessoas que resistiram, ou se empobreceram de tal forma que não puderam se mudar, viveram de garimpar.

1994 foi o ano em que a crise se tornou irreversível. Os moradores que resistiam compreenderam a necessidade de buscar formas alternativas de sobrevivência. Para tanto, começaram formando uma Associação. Para entender melhor como foi tal momento, passemos a palavra a um de seus membros fundadores...

“Tinha muita draga lá na região, antes de 1996, tinha mais dragas, em torno de 1994, e foi acabando. Em 1996, já não tinha mais condições. Então surgiu a idéia de formar a associação. Montamos em 15/05/1997, Associação de Pequenos Produtores Rurais de Batovi (ASPRAB)”. Reunimos, na dificuldade que estava atravessando. Tinha acabado o Monchão Dourado e o Cassununga. Dos três distritos, o único que estava faltando era o Batovi. Não fosse a associação, já teria acabado também. Então, a gente correu atrás pra salvar”.

- Como foi essa idéia de procurar outros recursos de sobrevivência?

É da parte política. Com a mudança do prefeito, porque o antigo prefeito era contrário ao desenvolvimento, porque ele não tinha o conhecimento da importância. Com a posse do novo prefeito, nós o procuramos. Ele nos deu apoio. Entrou com a quebra do cerrado. O governo do Estado entrou com a terra. Então, teve uma parceria, governo e prefeitura, já em 1997. Nós começamos em 1996. Nós não tínhamos área de terra. Eram 17 famílias. Corremos atrás e conseguimos aquela área, comprada do INTERMAT; isso já em 1997. Foi comprada do INTERMAT e de alguns proprietários. Veio um consultor da Maguary dar uma palestra. Fomos pra Poxoréo, que estavam plantando lá. Corremos atrás. Conseguimos um PADIC do governo e, em 1998, nós plantamos. Em 1999, perdemos muita da produção. Em 2000, também perdemos. Aí entrou o SEBRAE...

- Como conseguiram o recurso para essa plantação?

PADIC é um programa do governo, sem fins lucrativos. Mas você tem que produzir. Então, nós pegamos 124 mil. As primeiras parcelas saíram, e na segunda, resolveram cortar uma parte, que seria pro controle de erosão. Então voltou pra 1994. Esse investimento, a estrutura da lavoura: arame, postes, um motor, um reservatório, instalação de água.

- A estrutura do primeiro projeto era como?

Começaram com 17 famílias. Agora somos 30. Chegamos a ter 50, mas aconteceu, por exemplo, são 30 famílias, mas na verdade são 50. Por exemplo, meu filho trabalha comigo. Beneficiado direto é o Batovi todo, porque eu posso não estar no projeto, mas eu tenho meu filho, minha nora. O Batovi todo está em torno daquilo. A gente não tinha experiência. O SEBRAE foi dando alguns cursos e fomos pegando experiência. Veio um técnico de Minas (Gerais) que deu uma palestra na Câmara, chamado José Rafael. Então, ele foi no Batovi e juntamente com a EMPAER, nós implantamos a cultura do maracujá, da qual nós plantamos 60 hectares. Primeiramente, nós resolvemos plantar. Depois ir atrás de compradores. E deu problema. E a parte mais difícil é a comercialização. Plantar não é tão difícil. Tendo uma boa mão-de-obra, você planta. O problema é vender.

- Como vocês vendiam?

Vendia por quilo, mas chegava a vender 10% da produção. Um produzia 1000kg eu produzia 500kg e eu produzia 100kg, aí juntava tudo e vendia. Nós chegamos a vender em média 100 toneladas pra Minas, pra Araguari. Nós íamos levar, e saía baratinho. Era uns 980km de Batovi até lá”.

O relato destaca ainda como foram difíceis os primeiros tempos, principalmente, colocar o produto no mercado. Várias safras foram perdidas por que não havia saída. Os associados desconheciam os meandros e artimanhas do mercado. Como não havia regularidade na produção, nem capacidade de armazenamento muito maracujá acabou apodrecendo na lavoura. Aos poucos, novas tecnologias foram sendo aprendidas para se evitar tais desperdícios e prejuízos. A primeira delas foi a introdução de uma despoldadeira. Com isto quando acontecia de não se encontrar mercado para o fruto, armazenava-se o suco que depois era vendido. Na sequência, veio a ideia da fábrica.

Do que se pode depreender das entrevistas, com o chamado povo do maracujá do Batovi, desde a formação da Associação, em 1996, que o caminho em busca do aprendizado por uma vida melhor foi bastante duro e cheio de percalços. Houve momentos de muita produção, de muito ânimo, quando se acreditava que tudo ia dar certo. Houve momentos de desânimos coletivo, de vontade de largar tudo. Mas persistiram e estão em busca de seu lugar ao sol.

Desde 1999/2000, a Associação de Pequenos Produtores Rurais do Batovi (ASPRAB) faz parte do projeto Comunidade Ativa, e junto com os demais municípios de Tesouro, procuraram fazer valer os seus direitos por uma vida melhor.

A história do Tesouro e do Batovi se entrelaçam na crise

Em meados da década de 1990, diante de um quadro de crise, que era comum a muitos municípios não só de Mato Grosso, mas de todo o Brasil, o governo federal procurou implementar medidas que visassem a amenizar tal situação. A estratégia inicial foi mais um programa assistencialista coordenado pela primeira dama do país em escala nacional e em níveis estadual e municipal, pelas suas respectivas primeiras damas. O referido programa ficou conhecido por ‘Comunidade Solidária’³⁴.

³⁴ O Conselho do Comunidade Solidária foi criado em 1995, com base na constatação de que a sociedade civil contemporânea se apresenta como parceira indispensável de qualquer governo no enfrentamento da pobreza e

“Quando a Thelma de Oliveira veio aqui implantar um programa de ajuda pro município, uma ajuda parcial, a questão das cestas básicas. A princípio seria essa ajuda, com a cesta básica. Depois desenvolveria um trabalho pra buscar uma renda pras comunidades. Foi emergencial que recebessem as cestas básicas, muitas pessoas foram embora”³⁵.

A citação nos permite destacar alguns momentos que o município vivenciava como a pobreza acentuada de uma parcela de sua população, o modo como programa foi implantado e as perspectivas de mudá-lo gradativamente, bem como a necessidade de se buscar uma vocação para o município entre outros.

Entretanto, só em 1999, com implantação do ‘Comunidade Ativa’³⁶ foi que se começou a colocar em prática a busca por soluções contando com a participação de grupos organizados do próprio município. Vejamos, a partir de seus próprios depoimentos, como se deu tal processo de aprendizagem, bem como alguns dos resultados e dos problemas e dificuldades encontrados.

“Em 1999, o município era um dos mais carentes do Estado. Veio aqui o pessoal do SEBRAE, PROSOL, fizemos uma reunião na Câmara e formamos o Fórum. Era um Fórum de 20 pessoas. Essas pessoas foram capacitadas pra construir uma Agenda Local do Município”. “Muda de Comunidade Solidária para Comunidade Ativa, porque antes eles davam a alimentação, porque era um dos municípios mais carentes do Estado. Foi um projeto piloto da Comunidade Ativa, utilizado em 5 comunidades. Então praticamente, a gente tá aprendendo. A questão da Comunidade Ativa houve um envolvimento da sociedade. Foi feito um Fórum. Foi buscado um representante de toda a sociedade civil organizada e foi feito um grande

da exclusão social. Desde então, o Conselho passou a atuar em três grandes frentes: adotando medidas para o fortalecimento da sociedade civil, desenvolvendo a interlocução política sobre temas sociais com diversos atores e criando programas inovadores. Extraído do artigo publicado na *Folha de São Paulo*, no dia 26/set/1999.

³⁵ Depoimento de Arleny Moraes. Tesouro – MT, setembro de 2002.

³⁶ O programa do Comunidade Ativa foi mais uma estratégia de combate à pobreza e de promoção do desenvolvimento no país, um passo distinto na política social já desenvolvida pelo Comunidade Solidária. *“Lançado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em julho de 1.999, o programa aposta no desenvolvimento local integrado e sustentável como alternativa para reduzir os problemas sociais e econômicos de localidades mais pobres. A novidade do Programa do Comunidade Ativa é que as ações de desenvolvimento são decididas pela própria população, rompendo com as práticas assistencialistas e programas impostos de redução da pobreza. A partir de uma ampla mobilização popular, os próprios munícipes identificam suas vocações, necessidades e montam sua lista de prioridades. Num esforço coletivo inédito, todos (governo federal, governos estaduais, prefeituras, iniciativa privada e entidades não governamentais) executam as ações respeitando a realidade de cada município”*. Extraído do artigo publicado na *Folha de São Paulo*, no dia 26/set/1999.

encontro, e foram escolhidas as pessoas que poderiam ajudar nessa formação, que pudessem participar ativamente contribuindo como membro e conselheiro do Fórum. Foi a primeira vez que o governo foi até o município, porque sempre é jogado de cima pra baixo, pra ver o que ela quer, o que o município está desenvolvendo pra melhorar. Foi muito envolvente, que a gente se entregou de corpo e alma. Depois que a gente se inscreveu pra fazer parte do Fórum, fomos treinados. Ficamos mais de meses na capacitação”³⁷.

Na fala da depoente podemos perceber as transformações que a política de assistência social do país sofreu nos últimos anos. Aqui explicitado na passagem do Comunidade Solidária para o Comunidade Ativa, bem como a mudança comportamental que isto significava: a parceria com a própria comunidade.

Segundo Augusto de Franco, a base conceitual do Comunidade Ativa foi estruturada de modo lento e gradativo, a partir das chamadas 'Rodadas de Interlocução Política do Conselho do Comunidade Solidária'. Entre agosto de 1998 e maio de 99 foram realizadas oito Rodadas de Interlocução. Destas, a Quinta e a Oitava Rodada debateram sobre o tema 'Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável', como uma estratégia inovadora de desenvolvimento social.

“Em face do interesse despertado, decidiu-se pela realização da Oitava Rodada, em março de 1998, dedicada exclusivamente a esse tema. A Rodada produziu dez consensos, que procuram conceituar o DLIS e identificar seus principais requisitos, além de aprovar várias propostas concretas, visando a fortalecer e multiplicar as experiências de desenvolvimento local”³⁸.

O tema do Desenvolvimento Local foi retomado em maio de 1999. O debate girou em torno dos conceitos e metodologias a serem adotados pelo DLIS. Nesta rodada, reforçou-se a necessidade de integração dos esforços existentes entre os diversos órgãos governamentais ou não-governamentais.

Das Rodadas de Interlocução resultou o chamado Programa Comunidade Ativa, lançado pelo Presidente da República em 2 de julho de 1999. Em outubro deste mesmo ano foram iniciados os trabalhos de campo. Participam da

³⁷ Depoimento de Arleny Moraes e de Noeni Moraes. Tesouro – MT, setembro de 2002.

³⁸ Franco, Augusto de, *Documento de Referência – uma Estratégia de Indução ao Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável*, Presidência da República/Casa Civil/Secretaria Executiva do Comunidade Solidária. s/d.

experiência os 26 Estados e o Distrito Federal, mobilizando mais de 4 mil pessoas em 157 municípios. Em Mato Grosso foram cinco os municípios escolhidos: Tesouro, Poxoréo, Jaurú, Peixoto de Azevedo e Confresa. Aqui, a parceria com o governo federal contou com a participação do governo do Estado, representado pela PROSOL, SEBRAE e prefeituras indicadas. Segundo o autor supra citado,

“O objetivo do Comunidade Ativa é promover o desenvolvimento social, por meio da indução ao Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável, da capacitação das comunidades carentes para a descoberta de suas vocações e potencialidades, e para a elaboração participativa de suas agendas de prioridades, da articulação e da convergência de ações de governo, e da celebração de parcerias com a sociedade”³⁹.

Vejamos como isto aconteceu no município de Tesouro. O passo inicial foi mobilizar e sensibilizar a população por meio de atividades desenvolvidas pelo SEBRAE e pela PROSOL, auxiliados pelas prefeituras. Para esta etapa, foram convidadas as sociedades em geral e algumas de suas entidades representativas. Entre os participantes, que depois tiveram assento no Fórum, estavam: a Prefeitura, a Secretaria de Educação, ONGs, vereadores, representantes do comércio, a EMPAER, a ASPPRB e Igrejas. Das reuniões iniciais, que aconteciam na Câmara Municipal, constituiu-se o Fórum.

Tanto o Fórum, quanto as lideranças locais, fossem elas do setor público ou não, passaram por etapas de capacitação. Entre outros objetivos, visava-se a um aprofundamento conceitual sobre o DLIS, estimulando o protagonismo local e repensando o papel do Estado na promoção do desenvolvimento; bem como ao estímulo das lideranças locais no sentido da promoção de mudanças de valores e atitudes pessoais que favorecessem o compromisso com o processo de promoção do desenvolvimento local.

A primeira tarefa do Fórum deveria ser 'uma pesquisa para saber o que a população queria'; ou seja, o Diagnóstico Participativo Local a partir de uma ampla pesquisa feita junto ao maior número possível dos seus moradores do município. Segundo os depoimentos de alguns dos membros do Fórum, esta foi uma etapa das mais empolgantes, pois requereu não só a coleta dos dados, como uma integração, a partir do conhecimento, dos problemas de sua comunidade.

³⁹ Franco, *Documento de Referência*, 12.

Desta fase resultou o levantamento das potencialidades do município e dos obstáculos que emperram seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, procedeu-se a um levantamento das principais atividades econômicas desempenhadas nos setores primários, secundário e terciário. Enfim, elaborou-se, a partir de dados estatísticos (IBGE), levantamento de projetos, programas e ações de outras instituições (como, EMPAER e INDEA) e da pesquisa de campo, com base em entrevistas, uma radiografia bastante aprofundada do município de Tesouro.

A pesquisa mostrou que a evolução demográfica do município sempre oscilou em função dos períodos de maior ou menor intensidade da exploração garimpeira, apresentando, desde 1970, uma taxa de crescimento vegetativo negativo, tanto de sua população rural, como urbana. Segundo o Diagnóstico...

“A taxa de crescimento negativa de Tesouro está concentrada em sua força de trabalho, ou seja, homens e mulheres com idade entre 18 a 45 anos estão emigrando para os grandes centros urbanos em busca de opções de emprego. Essa realidade tem causado inúmeros prejuízos econômico/sociais, dentre os quais destacam-se: diminuição de divisas para o município, aumento nos gastos sociais considerando que a maioria da população é formada por crianças e idosos...”⁴⁰.

Do ponto de vista da infraestrutura, os problemas mais destacados estavam afeitos aos setores de abastecimento e capacidade de geração de energia elétrica. Reafirmaram-se as implicações e prejuízos do não asfaltamento da rodovia estadual MT -110, trecho Guiratinga-Tesouro-Batovi-BR/070, com 102 km de extensão.

Quanto à economia, foram priorizados os setores agrícola, pastoril, comercial e turístico. Na agricultura, destacou-se o predomínio absoluto da mecanização com uma área cultivada de 18.310 hectares de soja (74,28% da área plantada), milho, arroz e fruticultura (60 hectares de maracujá). Nas pequenas propriedades destacou-se manutenção do costume de cultivares como milho, arroz, feijão, mandioca, cana-de-açúcar e frutas, para subsistência. Dada sua altitude, produzia-se ainda semente de soja, além de apresentar potencial para o cultivo algodão.

Na pecuária, predomina a bovinocultura de corte com uma limitada exploração do leite e seus derivados. Ao todo, foram identificados 215 produtores

⁴⁰ Diagnóstico Participativo Local do município de Tesouro – Mato Grosso, 11.

que desenvolvem uma pecuária extensiva, com baixo nível tecnológico, onde se alternam os usos de pastagens artificiais e nativas. Como não há boas estradas e o frigorífico mais próximo fica a mais de 150 Km, além do baixo emprego de capitais, o gado é vendido magro e em pé, reduzindo a capacidade de ganho.

O comércio local, bastante tímido, atravessava momento de dificuldades. De acordo com o Diagnóstico, os principais estabelecimentos são: "Gêneros alimentícios: 10; Vestuário: 4; Eletrodomésticos: 1; Farmácia: 2; posto de Gasolina: 1; Lanchonete: 1; Padaria: 1; Construção Civil: 1; Açougue: 5; e pequenos bares: 18". Este quadro mostra que as possibilidades de consumo do município como bem reduzidas. Como se isso não bastasse, as cidades vizinhas oferecem preços mais competitivos. Assim é comum os moradores locais se deslocarem até elas para realizar muitas de suas compras.

Quanto ao turismo este é uma esperança para o desenvolvimento local. Entre seus recursos naturais destacam-se: as águas minerais, as cachoeiras, os rios, córregos, sítios arqueológicos, sítio histórico, e outros. Entretanto, devido à falta de infraestrutura, o setor turístico é pouco explorado, resumindo-se aos eventos religiosos e culturais. Já há algum tempo o município está inserido no Programa Nacional de Municipalização do Turismo tendo sido credenciado pela EMBRATUR.

No plano das políticas sociais o município também se encontra em situação deficitária. A acentuada parcela carente de sua população vive à margem, ou usufrui de modo precário seus direitos. O governo municipal, face às poucas verbas para repasse e a baixa arrecadação, vê seu campo de ação limitado.

Apesar de contar com alguns serviços básicos de saúde como um hospital e um posto de saúde, servidos por três médicos, os munícipes, quando o 'assunto é mais sério' têm de recorrer às cidades vizinhas. Há que se considerar que o município participa de programas e campanhas coordenados pelos governos estadual e federal. No saneamento, básico um dos problemas é o fato de não existir rede de esgoto sanitário. Outro, o reduzido número de ruas com galerias de águas pluviais. Quanto ao abastecimento de água, esta é tratada com cloro e abastece 97% das residências urbanas. Entretanto, há problemas na captação e distribuição.

Na educação o Município e o Estado dividem suas obrigações até o nível médio. O Estado mantém três escolas, que atendem 749 alunos nos níveis fundamental e médio. Por seu lado, o município é responsável por duas escolas na

área urbana, com 178 alunos do primário e pré-escola e quatro escolas rurais com 35 alunos. Para atender a estes quase mil alunos existem 38 professores atuam no ensino fundamental e 09 trabalham no ensino médio. Se atentarmos para a relação professor-aluno, veremos uma nítida insuficiência. Hoje, visando a atender as exigências da Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino, os professores, os governos municipal e estadual vêm empreendendo esforços para melhorar sua qualificação.

No lazer, as opções da população são restritas. Dos esportes, futebol é o mais praticado. O município possui um estádio murado, com arquibancada, e uma quadra poliesportiva. Outra opção é explorar os recursos naturais, como cachoeiras e rios. A vida noturna é mais modesta ainda. Restringe-se a uma danceteria, aos finais de semana, e passeios a praças e bares.

Os resultados do Diagnóstico Participativo Local foram apresentados, discutidos e validados pelas comunidades do Tesouro e do Batovi, ambas envolvidas no processo. Os munícipes acabaram por decidir que a vocação do município era a agricultura. Após este passo, iniciou-se a elaboração do Plano de Desenvolvimento Local. Também esta fase foi entremeada por seminários preparatórios e cursos de capacitação.

A escolha do eixo agricultura deveria orientar os demais passos do Fórum e dos parceiros na busca de alternativa para o desenvolvimento local. Assim, os projetos elaborados privilegiaram a agroindústria. Dentre eles destacavam-se o incentivo à produção agrícola para pequenos produtores e a instalação de fábricas de farinha de mandioca, açúcar mascavo e rapadura, doces de frutas, ração animal, despoldador de frutas e beneficiadora de castanha de caju.

A elaboração da Agenda Local foi o momento de escolher, entre as ações incluídas no Plano de Desenvolvimento Local, aquelas prioritárias para negociação e pactuação com os parceiros externos, mobilizados pelo programa Comunidade Ativa. Ao todo, foram elencadas dez prioridades, chamadas de 'Lista Efetiva', e dez de 'Lista Suplente'. Apesar dos pontos terem sido desdobrados, eles podem ser resumidos à melhoria dos meios de transporte e geração de emprego e renda para o município, além de algumas ações em saúde e meio-ambiente (Lista Suplente). A Negociação da Agenda Local passou por informar os parceiros sobre as demandas locais, reunir representantes de Fórum com os parceiros e tentar negociar as ações incluídas na Agenda.

Todo este processo acima descrito contou com intensa participação das pessoas radicadas no município, gerando uma expectativa positiva em relação ao programa. A título de exemplo, basta recuperar que o Diagnóstico Participativo Local foi feito “através da promoção de 5 reuniões nas comunidades urbanas e 9 reuniões nas comunidades rurais com o total de 673 participantes”. Vejamos como uma das depoentes rememora todo o processo:

“Formou-se esse Fórum, mas para a criação da agenda foi necessário fazer uma pesquisa para saber o que a população queria. Eles queriam que nós fizéssemos essa agenda, a partir dos dados de todos habitantes, tanto da zona rural, como da urbana. Fizemos o projeto, a agenda. Veio a negociação. Foi frustrante. As pessoas criaram muita expectativa em torno daquela agenda, tanto que eram 20. Hoje somos em 12, na realidade 10 pessoas. Fomos pra Cuiabá negociar a agenda, mas o que realmente almejava não conseguimos, que era a estrada (asfaltamento da MT 110) e o Banco. Saímos com o hospital e o PADIC, que depois não conseguiu, porque o município não tinha como entrar no PADIC. Deu uma esfriada. Mas foi bom, pra Tesouro, pra divulgar o município foi bom”⁴².

A fala da depoente é bastante ilustrativa da cultura política da qual estamos imbuídos, ou seja, acreditar que se resolvem os problemas de um dia para o outro e que as soluções vêm de fora. De sua perspectiva, não conseguir a estrada foi o motivo maior das frustrações coletiva e dos membros do Fórum. Entretanto, apesar de algumas ‘frustrações’ o balanço foi favorável...

“O SEBRAE ajudou muito, quando o fórum estava lá embaixo, eles levantavam, com a fábrica de polpa do Batovi, com os cursos que trouxeram. Pro pessoal da lavoura foi uma ajuda grande e pro pessoal da lavoura também. Divulgou o município, que agora está servindo de vitrine no Estado, e também pro turismo, estar investindo, que é um ponto que pode levar Tesouro a ser reconhecido”⁴³.

Outra característica da cultura política de um grande número de municípios do Estado, é achar que alguém de fora da comunidade é que tem o poder de mobilizá-la, de cimentar os desejos que lhes são próprios. No caso, atribui-se à figura de técnicos do SEBRAE o sucesso daquilo que foi conseguido.

⁴² Depoimento de Noemi Moraes. Tesouro – MT, setembro de 2002.

⁴³ Ibid.

Os depoimentos nos permitem, também, fazer um balanço, tanto das expectativas, quanto das frustrações, para além dos ganhos políticos e concretos de tal Projeto para a comunidade do Tesouro. Mesmo o município já tendo passado por outras experiências de projetos que visavam ao desenvolvimento local, esta foi a primeira vez que a comunidade foi, de fato, envolvida. Por isso, as expectativas eram muitas. Apesar dos cuidados das pessoas que conduziram o processo, não havia como impedir a ansiedade geral. Vejamos...

“Foi a primeira vez que o governo foi até o município, porque sempre é jogado de cima pra baixo, pra ver o que ela quer, o que o município está desenvolvendo pra melhorar. Foi muito envolvente, que a gente se entregou de corpo e alma, depois que a gente se inscreveu pra fazer parte do fórum, fomos treinados, ficamos mais de meses na capacitação”⁴⁴.

Todos acreditavam que os ganhos seriam imediatos, e que em pouco tempo a situação econômica e social do município estaria mudada. Dada a ansiedade, vieram as frustrações...

“Depois da agenda pronta, houve uma frustração, por causa da negociação. Não houve uma articulação. Uma solicitação que foi unânime foi a pavimentação da nossa estrada, é uma esperança, se isso acontecesse. Outra prioridade solicitada pela comunidade foi o assentamento. Com o nosso trabalho, nós conseguimos credibilidade, então, a sociedade estava acostumada a vir ao fórum pra saber como estava o projeto. A questão do assentamento é importante, porque como tem muita gente indo embora, seria interessante para estar trazendo essas pessoas de volta, por isso ainda é uma das nossas prioridades, é uma das alternativas, e temos esperança de acontecer”⁴⁵.

Esta fala deixa transparecer um outro dado muito significativo. Ao que tudo indica, o Fórum acabou por ocupar, ou lhe foi outorgado pela comunidade, um papel centralizador. Diante de tal quadro, os munícipes passaram a cobrar de seus membros, direta ou de modo silencioso, o não cumprimento das metas não alcançadas. Sentindo-se cobrados, muito dos membros do Fórum o abandonaram.

⁴⁴ Depoimento de Arleny Moraes. Idem.

⁴⁵ Depoimento de Arleny Moraes. Idem

Os ganhos concretos referem-se aos itens que fazem parte da agenda e que foram negociados revertendo em ganhos para os municípios de Tesouro. “A conclusão do hospital, parceria do governo federal e estadual, Secretaria de Saúde e Prefeitura. A fábrica de polpas do Batovi foi parceria do PADIC, FUNDEIC, Prefeitura e SEBRAE. Projetos culturais: a compra da fanfarra, Festa do Bom Jesus no Batovi, Festival de Praia de Tesouro”⁴⁶.

Em síntese, após o início do projeto Comunidade Ativa, o que tem de consolidado no município é a indústria de confecções, em fase final de reorganização, a indústria do maracujá, em fase de adaptação, e alguns projetos que foram desenvolvidos na área cultural, como a festa do Bom Jesus da Lapa, no Batovi, o Festival de praia, no Tesouro, a compra da Fanfarra, a reforma e ampliação do Hospital e algumas obras de infraestrutura como melhoria em estradas e pontes e casas populares de madeira, o banco postal, consultório dentário e a ambulância.

Outra consideração que se pode tecer é que, apesar de vários ganhos, estes, ao que tudo indica, são minimizados. Uma explicação deve ser encontrada no fato de não ter ocorrido o asfaltamento da MT-110. Ou seja, a não realização de uma aspiração antiga empanou o brilho de outras conquistas. Esta atitude deveria levar todos os envolvidos no Projeto a uma reflexão mais acurada. Mas, talvez, os maiores ganhos não possam ser mensurados, quais sejam, os ganhos políticos. É inegável que ter vivenciado a experiência do Comunidade Ativa trouxe o exercício da democracia para uma parcela significativa de sua população. Os cursos ministrados e a participação nos Fóruns possibilitaram mudança nos hábitos e nos costumes do fazer/viver político. Ao mesmo tempo, formou-se um grupo de líderes cidadãos.

Fecha de recepción: 25/01/18

Aceptado para publicación: 15/04/18

⁴⁶ Ibid.

Referências Bibliográficas

- Coy, Martin, “Transformação Sócio-Ambiental do Espaço Urbano e Planejado em Cuiabá (Mato Grosso)”, *Cadernos do NERU/Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos*, ICHS – UFMT, 3, EdUFMT, Cuiabá, 1994.
- Ferreira, Jurandir Pires, *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, IBGE, Rio de Janeiro, 1958.
- Ferreira, Manoel Rodrigues, *Nos sertões do lendário rio das mortes*, Ed. do Brasil S.A., São Paulo, 1946.
- Franco, Augusto de, *Uma Estratégia de Indução ao Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável*, Presidência da República/Casa Civil/Secretaria Executiva do Comunidade Solidária, Brasília: s/d.
- Guimarães Neto, Regina Beatriz, “Grupiaras e monchões: Garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte”, Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1996.
- Varjão, Valdon, *Barra do Garças: do passado ao presente*, Senado Federal, Centro Gráfico, Brasília, 1985.

Depoimentos:

Depoente	Data	Local
Permínio Vieira Moura e Zelina Barros Moura	Agosto de 2002	Cuiabá – MT
Ricardo da Silva	Agosto de 2002	Cuiabá – MT
Manoel Conegundes Lucidio (Seu Gune) e Olindina Botelho Lucidio	Agosto de 2002	Diamantino – MT
Anacleto Moreno Magalhães (Dona Caçula) e Aldemir Moreno Magalhães	Setembro de 2002	Tesouro – MT
Acely Dias de Souza	Setembro de 2002	Tesouro – MT
José Morales Filho Hildo Morales Paixão	Setembro de 2002	Tesouro – MT
Noemi Moraes Arleny Moraes	Setembro de 2002	Tesouro – MT
Crecêncio Vieira	Setembro de 2002	Batovi – MT
Angélica de Souza Gaspar (Dona Roxinha), João Batista de Souza Gaspar e João Evangelista de Souza Gaspar	Setembro de 2002	Batovi – MT
Manoel Ramos (Mané Ramo)	Setembro de 2002	Batovi – MT
Edson Marques	Setembro de 2002	Batovi – MT